



## EDITORIAL

## A quem nos ouça

Foi muito intencionalmente que não analisamos no nosso último número, em toda a sua plenitude, o significado do espectáculo inédito e repugnante a que se assistiu no passado dia 1 de Fevereiro no Campo da Avenida. Quisemos reflectir e, sobretudo, emancipar-nos das sequelas que a cena nos deixou, para podermos raciocinar livremente.

Um incidente limitado às proporções de uma pequena parte do recinto de um jogo de futebol, a uma decisão do árbitro e a três ou quatro jogadores, explodiu subitamente e deu aso a que uma vaga de energúmenos, sem consciência dos seus actos, agredissem barbaramente o juiz da partida, os bandeirinhas, os jogadores visitantes e não só, como usa dizer-se agora.

E o mais lamentável, e que motiva o alinhamento destas considerações, é que tudo isto se iniciou e desenvolveu, de maneira espantosa, perante a ineficácia absoluta da Polícia que existia no Campo e tinha sido para ali deslocada a fim de manter a ordem.

Porquê?

O desenvolvimento da guerra colonial esvaziou as esquadras policiais da maior parte dos seus elementos, deslocados para as colónias.

Nos últimos anos que precederam o 25 de Abril, Espinho sabia que não tinha forças de segurança bastantes para defender as pessoas e seus bens, mas via que os poucos elementos existentes se esforçavam por acudir a todos os lados e intervinham, como e quando podiam, com autoridade e sem motivo para recriminações.

Após o 25 de Abril, houve determinados sectores que, empenhados em transformar na rua a gota de água em caudal imenso, se empenharam numa intensa campanha de descrédito desenvolvida contra as forças de segurança.

E o resultado foi calamitoso.

A Polícia recolheu aos quartéis, fuge a intervir, retrai-se à vista de toda a gente. Pelo País, os vândalos assaltaram as ruas, sucedendo-se as contravenções, os actos de má criação e os assaltos, até com uso de armas potentes, que alguém disse uma vez estar seguro de se encontrarem em boas mãos.

E tudo deu origem a que as pessoas marginais se convencessem de que o mundo lhes pertence e actuem como se não fizessem parte de uma sociedade com regras de convivência, de respeito pela liberdade de cada um.

Fala-se de autoridade democrática, sem se pensar em que há muito indivíduo que não faz a mais pequena ideia do que é a democracia e só conhece a autoridade quando ela tem que ser exercida.

Fala-se também de autoridade não repressiva. Mas nós, que a sofremos durante anos sem nada fazer de mal, temos que reconhecer, e reconhecemos, e afirmamos, que para certas atitudes e situações só a repressão pode defender dos selvagens as pessoas de bem, qualquer que seja a classe a que pertencem.

Se não dispomos de forças de ordem bastantes, que se obtenham rapidamente.

Se dispomos, ou logo que dispusermos, tais forças não podem pedir licença aos contraventores para actuar sempre que for preciso, não podem rejeitar que lhes chamem repressivas ou reaccionárias, não podem consentir que certos indivíduos exibam onde e como lhes apraz os aspectos mais primários e negativos da sua personalidade e, sobretudo, não podem deixar criar-se no espírito de cada um a convicção angustiada de que tem de defender-se a si e aos seus em qualquer emergência, por não ter a quem recorrer para obter protecção.

Podem julgar desagradáveis as considerações que ficam feitas. Desagradável não é a qualificação dos factos, mas sim a situação em que vivemos e que denunciámos.

Oxalá a girandola a que se assistiu no Campo da Avenida tenha sido a última e não transborde para os cantos de qualquer rua.

AMADEU MORAIS

## A nossa pequenez

A vida é uma dura luta até que a morte chega. Para haver morte é preciso ter havido vida. O intervalo entre estas duas cambiantes é a transição bebé-adulto, bebé-ancião, isto é, a metamorfose humana, tudo o que implicitamente compreende com as implicações inerentes, do berço à cova. Após a primeira idade ou seja o tempo que é mais dos pais e família, que da insensível (figuradamente) ou inconsciente criança, tudo se transforma na luta da vida.

São primeiramente as birras com os vizinhos se bem que miúdos quando ele; mais tarde com os colegas das primeiras letras, mais sabido por mais velhos ou quiçá por menos (infelizmente) vigiados (aos pais basta-lhes as consumi-

ções do dia a dia) que lhes fazem a vida impossível. Vem depois a adolescência, as primeiras amizades sólidas, desinteressadas, numa vida ainda cor-de-rosa, pintalgada,

por  
Virgílio Lacerda

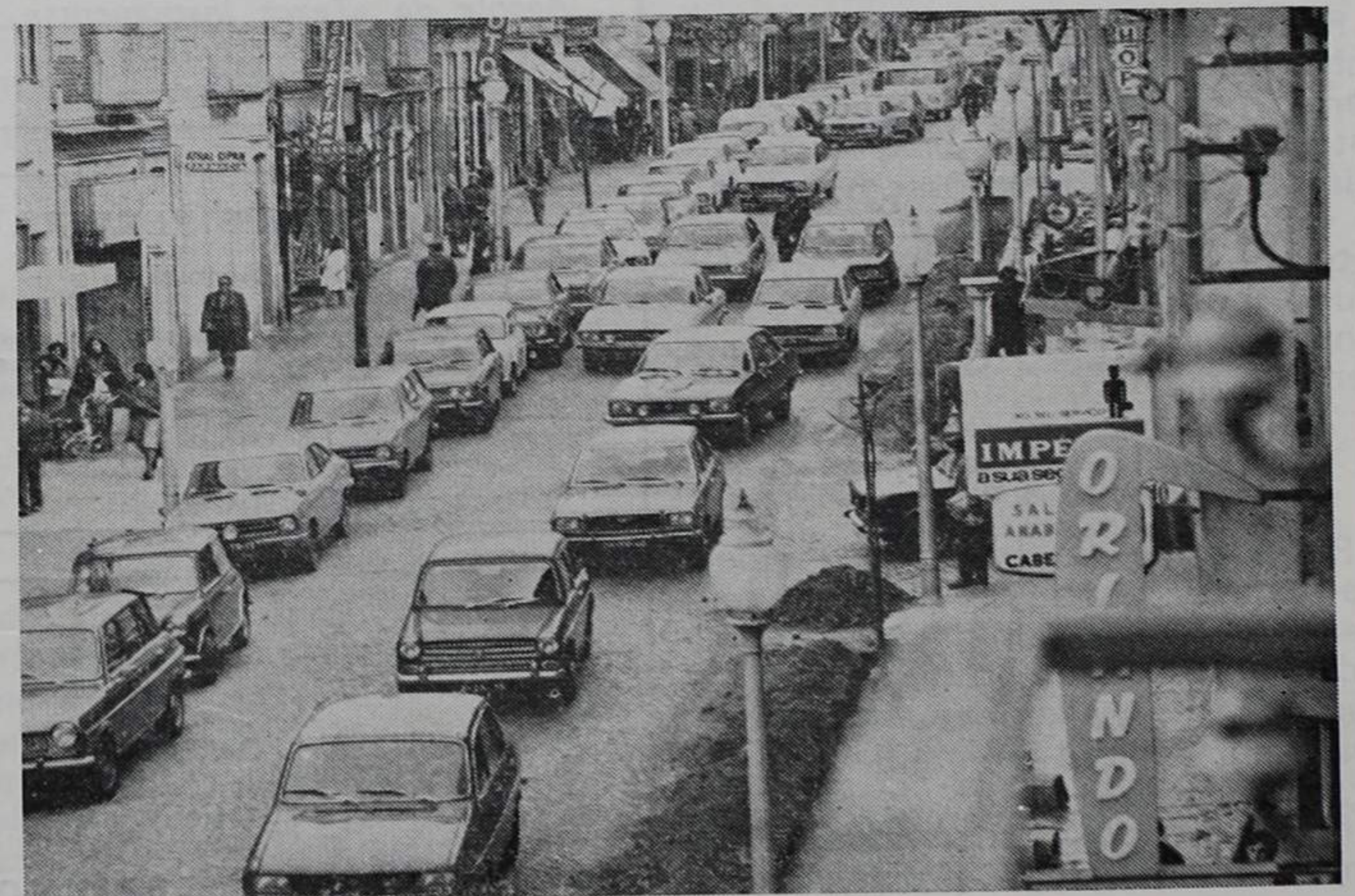
aqui e além, com umas tantas desilusões, os primeiros desenganos. Entretanto, também, as dificuldades ou facilidades familiares marcam indelevelmente o espírito da criança ou adolescente. A primeira entrada na vida — outros menos afortunados arrastam já há muito pesado

(Conclui na pág. 2)

## Neste número:

O PROBLEMA DA DROGA ● Palestra-Colóquio no Liceu Local	Pág. 3
ESPINHO NA ASSEMBLEIA CONSTITUINTE ● Intervenção do Dr. Gomes de Almeida	Pág. 4
ESPINHO ● Comarca e Concelho	Pág. 5
CERCI — Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas	Pág. 3
VOLEIBOL ● Elo de confraternização entre eslovacos e portugueses!	Pág. 10

## VISOR



O trânsito e os seus complicados problemas! Para agravar, os hábitos, o comodismo e o egoísmo das pessoas. Só, três filas de automóveis!!! A imagem fala por si. Ai temos a Rua 19 com o seu desordenamento habitual. A que ainda não houve coragem para pôr cobro. Depois, uma rua que vai ser renovada e, apesar das reais complicações do trânsito, fica com a faixa de rodagem da mesma largura. Enfim, um problema de ontem, de hoje e, assim, por incrível que pareça, para amanhã!



# DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE  
PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

Redacção e Administração  
RUA 19 — N.º 62  
TELEFONE, 921525  
AVENÇADO

Composição e Impressão  
OFICINAS GRÁFICAS DA  
CASA NUN'ALVARES  
PORTO

## A nossa pequenez

(Conclusão da pág. 1)

fardo — é feita precavidamente sob o controlo de olhares protectores. Apesar de certas muletas, a alternativa é feita a solo. Às vezes há colhidas, umas graves, outras mais ligeiras. Ambas deixam cicatrizes, lições que nunca mais esquecem. Começa, então, depois, a corrida da vida, dança infrene, alucinante.

Para o triunfo, uns jogam lealmente, outros fazem batota. Atropelos, cinismo, falsidade campeiam ao lado de lhaneza, honra, verdade. Quantas desilusões recebidas a pagar favores, benesses, empenhos? Quantas punhaladas em vez de apoios prometidos, traições inesperadas, mentiras, falsidades? Mesmo numa vida mais límpida, quantas injustiças semeadas, subornos, interesses recalçados? É preciso vencer. A sociedade tem uma moral elástica. Fecha os olhos a muitas coisas. Dinheiros ou poder não acusam o seu detentor da maneira como foi ganho ou alcançado. Há que tê-los para ter bem estar, importância, influência, prestígio.

Fomos ao nosso cemitério acompanhar funeral de familiar de amigo querido. Até aí a desigualdade subsiste. A terra traga uns; outros, mais elitistas, ficam engavetados em mausoléus. Porém, fim igual e certo de todo o humano, culto ou inculto, pobre ou rico. Tudo acaba. Afinal não somos nada. Pobre pequenez a nossa...

Virgílio Lacerda

P. S. — No dia em que fizemos este artigo, cerca de meia-noite avisam-nos que o amigo José Rola perdeu a vida num brutal desastre de automóvel. Ainda novo, saudável, trabalhador e chefe de família exemplar, alicerçado na vida, deixa quatro filhos e esposa extremosa. Não somos nada. Pobre pequenez a nossa...

## CALISTA

Consultas em Espinho

9 às 13 horas — 14.30 às 19 horas

Telefone, 923178

Rua 25 n.º 48 — Todos os dias

## ESPINHO ANTIGO

« de Pêta e Bêta »

Hoje e terça-feira próxima vai o publico de Espinho ter ocasião de admirar no Teatro Aliança o trabalho de três conhecidos e estimados rapazes, Mario Valente, Alberto Barbosa e Fausto Neves, que são os autores da revista em 2 actos e 6 quadros ...«de pêta e bêta!»

Assistimos ao ensaio geral da mesma e podemos afixar que vão ser duas noites esplendidamente passadas, pois que a revista está escrita com muita graça e tem musica lindíssima.

Como é toda local tem despertado grande interesse e estamos convencidos que o Teatro Aliança vai ter duas enchentes à cunha.

O Espinho Club capricha em apresentar um espetáculo que possa justamente ser aplaudido.

De «O Oceano» de 10 de Fevereiro de 1918.

Apontamentos do

Alfarrabista Vareiro

### Dr. Aucíndio Valente

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais  
RUA 20 N.º 500-1.º-TEL. 921014

Dias: 3.as e 6.as-feiras c/ h. marcada

### Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações  
Rua 19, N.º 364-1.º - Telef. 921218  
ESPINHO

### Papelaria Atlântico Norte, L.ª

Av. 24 n.º 1013 — Telef. 922776  
ESPINHO

(em frente da Feira)  
Agente da «Texas Instruments»  
Material de Escritório  
Livros Escolares

### JOAQUIM GOMES PEREIRA

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores, Bobinagem de dinamos e motores, Testes, eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Móvil)  
Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO  
Residência — Telef. 964194

### Boutique Jenny

LINHA JOVEM

Artigos Nacionais e Estrangeiros

Rua 19 n.º 343-E ESPINHO

### Vendem-se Andares

Acabado de construir na Rua 4 (próximo ao Pavilhão do Sporting Clube de Espinho) desde 550 contos — Falar no mesmo Edifício das 9 às 17 h. ou pelo telef. 964134

## Informação e consulta

### Obrigações fiscais em Fevereiro

#### CONTRIBUIÇÃO PREDIAL

Pagamento, sem juros de mora, de prestação única ou da primeira prestação liquidação provisória do ano de 1975 — Durante o mês.

Os titulares do direito ao rendimento de prédios urbanos com valor locativo ou dos quais tenham obtido rendas de quantitativo superior a 24 mil escudos, são obrigados a apresentar, na repartição de finanças da sua residência, durante o mês de Janeiro (no corrente ano prorrogado, até fins de Fevereiro) declaração em que identifiquem os prédios, mencionando a sua situação, artigo e o correspondente valor locativo ou renda recebida no ano anterior.

De igual forma e tendo em vista as alterações introduzidas na tabela de encargos a deduzir ao valor locativo dos prédios urbanos para determinação do rendimento colectável, cujos indicadores devem constar das declarações de renda referidas no artigo 116.º do Código da C. Predial, foi prorrogado também até fins de Fevereiro, o prazo de entrega desta declaração.

(Decreto-Lei n.º 764/75, de 31 de Dezembro)

#### CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

Grupo B

Apresentação de declaração M/3, pelos contribuintes que não tenham contabilidade organizada — Durante o mês.

(Artigo 55 do Código).

Pagamento da primeira prestação, ou da prestação única, da liquidação provisória do ano de 1975. — Durante o mês.

(Alínea a) do n.º 2 do Artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 745/75, de 31 de Dezembro).

#### CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

Grupos A e B

Pagamento da contribuição respeitante à liquidação definitiva de 1974, com juros de 3 meses. — Durante o mês.

(Parágrafo único do Artigo 85.º do Código e Dec.-Lei n.º 408/75, de 5 de Agosto).

## Tribunal Judicial da Comarca da Feira

ANÚNCIO

Pelo Tribunal Judicial da Comarca da Vila da Feira, primeiro juízo e primeira secção, correm éditos de TRINDADE DIAS, contados a partir da publicação do último anúncio, Citando a ré MARIA ELISABETE ALVES QUINHAS, casada, doméstica, com última residência conhecida na Rua 26, n.º 948, da cidade de Espinho e actualmente em parte incerta, para no prazo de vinte dias, posterior àquele dos éditos, contestar, querendo, a acção ordinária para divórcio que à citada move o autor ANTÓNIO DA COSTA BRANDÃO, casado, motorista, residente no lugar da Cruz, freguesia de Santa Maria de Lamas, desta comarca, devendo ainda a referida ré, contestar, querendo, dentro daquele prazo e dilação o pedido de assistência judiciária formulado pelo autor pedindo o mesmo, com fundamento nos factos referidos no artigo 4.º do Dec.-Lei 6/75 e artigos 1792, 1795, 1779 e 1778 alíneas e), f) e h) do Código Civil, que seja decretado o divórcio entre ambos e que, atenta a sua insuficiência económica, lhe seja concedido o benefício de pleitear com total dispensa de preparos e prévio pagamento de custas, devendo ainda a citanda a ser considerada como única e exclusiva culpada e condenada nas custas do processo.

Vila da Feira, 4 de Fevereiro de 1976.

O Juiz de Direito,

(a) Manuel Pereira da Silva

O Escrivão de Direito,

(a) Domingos da Silva Lopes Machado  
2288 — Defesa de Espinho — 13-2-1976

### DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

### Ferreira de Campos Dulce de Oliveira Campos

Advogados

Rua 11 n.º 877 — Telef., 922210

ESPINHO

## Falecimento

MARIA DA COSTA FERREIRA

Faleceu no dia 24 de Janeiro, na Rua 4 n.º 895, a sr.ª D. Maria da Costa Ferreira, mãe da sr.ª D. Alda Costa Cascais, avó de Manuel Joaquim Cascais Rodrigues e Fernando Costa Cascais.



O máximo em qualidade!

Do melhor em apresentação!

O bom gosto e eficiência, são atributos do relógio «CAMY», a mais preciosa das jóias

Está na hora de acertar: compre «CAMY!»

## Vendem-se andares para habitação

RUA 31, N.º 192

c/ 3 quartos, sala comum, 2 banhos, cozinha, arrumos e garagem

Informa: SOCIEDADE CONSTRUTORA IDEAL DE ESPINHO, LDA.

Angulo das Ruas 18 e 21 — Telefone 920642



# NOTÍCIAS DA CIDADE

# Agenda

## TRÁGICO ACIDENTE

Num estúpido acidente de viação perdeu a vida um conhecido comerciante espinhense e um outro ficou gravemente ferido.

Cerca das 22,30 horas da passada terça-feira, e depois de estarem a jantar num restaurante da parte poente da linha do Caminho de Ferro, dirigiam-se para as suas residências, no automóvel com a matrícula BT-14-97, os srs. Clemente Silvestre Rodrigues Sabença, de 54 anos, industrial de garagem; José do Couto Soares, de 50 anos de idade, comerciante de carnes verdes e Eduardo dos Reis Batista de 55 anos de idade, comerciante de drogaria.

Quando transitavam na Avenida 8 para a passagem de nível da rua 7, por motivos ainda por apurar, o carro despistou-se e foi embater lateralmente na esquina do prédio que aquela avenida faz com a Rua 9. Com o estrondo provocado correram alguns populares que conseguiram tirar dentre os destroços do automóvel os três infelizes ocupantes e conduzi-los ao Hospital de Espinho. Aí o médico de serviço limitou-se a verificar o óbito de José do Couto Soares e enviar, depois de observar, Clemente Sabença para o Hospital de Santo António do Porto, onde ficou internado em estado grave. O Eduardo Batista, com ligeiras escoriações, depois de tratado seguiu para casa.

## PELA P. S. P.

### Os falsos cegos, mancos e manetas

No dia 4 do corrente foram detidos pela PSP, quando exerciam mendicância pública, fazendo-se de cegos, mancos e manetas os seguintes profissionais, já habituais nesta cidade: António da Silva Barroso, de 27 anos que se fazia de maneta; Serafim Ferreira, de 38 anos, chefe do quinteto, e que se fazia passar por ceguinho, João Virgílio da Costa Leite, de 45 anos, que também se fazia de cego; João de Jesus da Silva Casimiro, de 17 anos, este o único defeituoso da vista direita; e António Joaquim Ferreira da Silva, de 44 anos e que se fazia de maneta.

Os quatro últimos têm já no activo inúmeras prisões por pedinçice.

Foram todos enviados para o Albergue de Mendicância de Aveiro.

### Se calhar para montar escritório

Apresentou queixa nesta Polícia o Sr. Carlos Jorge Proença Gouveia de Matos, da Avenida 24 n.º 431, desta cidade, contra desconhecidos que durante a noite de 4 para 5 do corrente, assaltaram o escritório do Armazém de vinhos da UVA, na mesma Avenida, donde levaram uma máquina de escrever e outra de somar, e ainda uma faca de mato.

## ANÚNCIO

### REVOGAÇÃO DE PROCURADORES

Por este meio se faz saber que por notificação judicial avulsa de 31 de Janeiro de 1976 efectuada pelo Tribunal Judicial da Comarca de Espinho, Joaquim Araújo de Oliveira Faria, solteiro, maior, residente habitualmente em França em 6 Rue de la Sablonnier, n.º 77-100 Meaux, revogou todos os poderes constantes das procurações outorgadas a favor de Joaquim de Oliveira Pinto, casado, residente na cidade de Espinho, na Rua 14, n.º 1076, por instrumentos públicos avulsos de 29 de Agosto de 1972 e 7 de Maio de 1975, ambos do Cartório Notarial de Espinho. Deste modo serão nulos e de nenhum efeito em relação ao mesmo Joaquim Araújo de Oliveira Faria todos os actos e contratos celebrados em seu nome pelo referido Joaquim de Oliveira Pinto no uso das ditas procurações.

O Advogado,

J. A. Ferreira de Campos  
Dulce de Oliveira Campos

Rua 11, 877 — Telefone 922210  
Espinho

## O PROBLEMA DA DROGA

Palestra-colóquio, hoje, à noite, no Liceu de Espinho

Organizada pela «APELE» — Associação de Pais ou Encarregados de Educação do Liceu Nacional de Espinho, que, assim, dá início prático a todo um vasto programa de realizações, haverá, hoje, 6.ª-feira, pelas 21,30 horas, naquele estabelecimento de ensino, uma palestra-colóquio dirigida pelo distinto psiquiatra, Dr. Jaime Milheiro, para ser abordado o grave problema social da «droga» e as suas implicações, como a penetração que tem tido junto das camadas jovens-estudantis.

Tema e problema na ordem do dia, que exige ser meditado, analisado e discutido, para se tentar encontrar soluções capazes de porem termo a este grave e perigoso «cancro» social, portanto a convidar à presença no evento de logo à noite, considerando até o nível e a competência do ilustre palestrante.

## NASCIMENTOS

Em Espinho:

Maria Luísa, filha de Manuel Ferreira Fernandes e de Deolinda Moreira da Silva;  
José Paulo, filho de Marcelino de Oliveira Pinho e de Florinda de Sousa Pinho Capela;

Aníbal José, filho de Aníbal Santos Oliveira e de Isaura Amorim Rodrigues;  
Alvaro Manuel, filho de Artur Ferreira de Pinho e de Ester Gomes Rodrigues Moileiro.

Rosa Marina, filha de Manuel de Sá Pereira e de Helena Rodrigues de Carvalho Pereira;

Albino Paulo, filho de Júlio Pereira Pinto e de Ernestina Maria Gomes da Silva Pinto;

Maria de Fátima, filha de António Rodrigues da Silva Carapuço e de Maria de Fátima da Cruz Tato;

Leandro Filipe, filho de Alberto Amorim Soares e de Diolinda Custódia Carvalho Soares.

## FALECIMENTOS

Em Espinho:

Faleceu no passado dia 8 a sra. D. Clarinda Maia Ramalho Mendes, de 77 anos, viúva de Homero Pieste Mendes, mãe do sr. Higinio Ramalho Mendes, sócio da Empresa proprietária deste jornal.

José do Couto Soares, de 50 anos, casado com Maria Ângela de Oliveira Pinto e pai de José António, José Manuel, Ângela Maria e Mónica Maria.

Rosa Alves do Couto, de 73 anos, casada com Salvador Coelho Machado;  
Maria de Las Dolores Duran Vivas, de 81 anos, viúva de Joaquim Pinto y Pinto;

Em Silvalde:

Jorge Pereira Franco, de 76 anos, casado com Silvina de Oliveira.

As famílias enlutadas DE apresentam condolências.

## Precisa-se Casa

Para casal c/ filho adulto até 3.500\$00 em Espinho ou arredores. Contactar com Abreu — Telefone 921752 — Espinho

## HOSPITAL DE ESPINHO

Movimento do Hospital de Espinho

de 3-2-76 a 9-2-76

Internamentos Gerais	38
Exames Radiográficos	143
Crianças Nascidas	18

### Intervenções Cirúrgicas

Oftalmologia	1
Ortopedia	3
Cirurgia Geral	11
Obstetrícia	1
Otorrino	15
Urologia	2

### Serviço de Urgência

Homens	248
Mulheres	222

### Internados entre outros

Maria Adelaide da Silva Bessa;  
Alzira da Conceição Azevedo;  
Manuel Fernando Almeida Morais;  
José Fernando Pinto Costa.

## PATRONATO DE ESPINHO

Movimento de 3-2-76 a 9-2-76

Infantário (dos 1 mês aos 2 anos)	12
Jardim Infância (dos 2 aos 6 anos)	400
Tempos livres (dos 6 aos 12 anos)	100
Total de crianças	512
Sopas	380
Refeições completas	80

## SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE ESPINHO

### CONVOCATÓRIA

Convocam-se os Irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Espinho para reunirem em Assembleia Geral, no dia 11 de Fevereiro de 1976, pelas 21.30 horas, no edifício do Hospital, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— «Conhecimento da resposta à exposição feita pela Instituição à Direcção Geral de Assistência Social sobre a extinção das Misericórdias previstas no Decreto-Lei n.º 618/75».

O Provedor,

a) Arq.º Jerónimo Ferreira Reis

## TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ESPINHO

### Anúncio

Pelo Juízo de Direito desta Comarca, na acção de divórcio com processo ordinário pendente na Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca, movida pela autora Maria Machado, casada, doméstica, residente na Rua 9, n.º 284, desta cidade de Espinho, contra o réu Silvino da Silva, seu marido, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua da Graça, n.º 21-A, da cidade de Lisboa, é este réu citado para contestar, querendo, quer o pedido da acção quer o da Assistência Judiciária formulado pela autora, apresentando a sua defesa no prazo de 20 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio.

Espinho, 31 de Janeiro de 1976.

O Juiz de Direito,

(a) Francisco Diogo Fernandes

O Escrivão,

(a) José Pinto de Magalhães Júnior

2288 — Defesa de Espinho — 13-2-1976

## FARMÁCIAS

Sexta-feira — FARMÁCIA PAIVA, Rua 19 n.º 319 — Telef., 920250.

Sábado — FARMÁCIA HIGIENE, Rua 19, n.º 393 — Telef., 920320.

Domingo — GRANDE FARMÁCIA, Rua 62 n.º 457 — Telef., 920092.

Segunda-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA, Rua 19 n.º 46 — Telef., 920352.

Terça-feira — FARMÁCIA SANTOS, Rua 19 n.º 263 — Telef., 920331.

Quarta-feira — FARMÁCIA PAIVA, Rua 19 n.º 319 — Telef., 920250.

Quinta-feira — FARMÁCIA HIGIENE, Rua 19 n.º 393 — Telef., 920320.

## CINEMAS

### S. PEDRO

Hoje, sexta-feira, dia 13 — O «PURO» ANSELMO E SEU «DEVISSO» ESCUDEIRO, om Alighiero Noschese e Marie Sophie — Não aconselhável a menores de 13 anos;

Amanhã, sábado, dia 14 — PROFISSÃO. AVENTUREIROS, com Nathalie Delon e Suzy Prim — Não aconselhável a menores de 18 anos;

Domingo, dia 15 — OS 4 SARGENTOS BOINAS VERDES, com William Smith e Larry Bishop — Para maiores de 18 anos;

Terça-feira, dia 17 — UM DÓLAR FURADO, com Montgomery Wood e Peter Cross — Para maiores de 14 anos;

Quinta-feira, dia 19 — A INICIAÇÃO, com Chantel Ronand e Jacques Ribérolles — Não aconselhável a menores de 18 anos.

### CASINO

Hoje, sexta-feira, dia 13 — PAUL E MICHELLE, com Anicee Alvina e Kcir Dullea — Para maiores de 16 anos;

Amanhã, Sábado, dia 14 — PAUL E MICHELLE;

Domingo, dia 15 — PAUL E MICHELLE, Segunda-feira, dia 16 — CONDENAÇÃO A VIVER, com Robert Hundar e Emma Cohen — Para maiores de 18 anos;

Quarta-feira, dia 18 — A IRMÃ DE CASTA SUSANA, com Terry Tordey e Glenn Saxson — Para maiores de 13 anos.

## Última hora

### CASINO DE ESPINHO REABRE EM 25

Foi decidido a reabertura do Casino local no próximo dia 25 (4.ª-feira), antecipando-se à data prevista. Assim, aquela casa de diversão, atractivo turístico desta cidade, vai começar a funcionar, em pleno, muito em breve.

«DE»

### NA CHECOSLOVÁQUIA

O nosso Jornal tenciona fazer deslocar à Checoslováquia, com a caravana voleibolista do Sp. de Espinho, um enviado-especial que relatará para os nossos leitores as incidências desportivas e extra-desportivas dessa deslocação.

## Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)  
Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO



# As obras de defesa da nossa praia

Comunicação ao 1.º Congresso de Engenharia Civil, pelo Eng. Civil 1.º Classe Francisco Perdigão em 1931

As maresias da primeira quinzena de março último provocaram uma forte erosão no areal que forma a praia de Espinho tendo posto em risco a balastrada da avenida à beira mar ultimamente ali construída pela Comissão de Turismo, e vieram pôr de novo em foco o problema de defesa da povoação contra as investidas do mar.

Na requisição de fundos para obras durante o ano económico que vai terminar, tinha a Divisão Hidráulica do Douro incluído uma verba de 150 contos, a fim de dar seguimento e remate às obras de defesa daquela praia que estavam praticamente paralisadas desde 1916 e que com os sucessivos ataques do mar posteriormente aquela data tinham não só a sua eficiência actual muito reduzida mas em determinados estados da praia um aspecto muito lamentável devido à dispersão dos entrocamentos. Os factos vieram demonstrar que a previsão tinha sido oportuna e que a necessidade de rematar aquelas obras era mais urgente do que geralmente se supunha.

Como o fenómeno que se dá neste ponto da costa marítima se não tem dado, pelo menos de maneira notável, em nenhum outro ponto da costa portuguesa, julgou-se interessante trazer a este Congresso uma pequena notícia sobre a história das corrosões da costa de Espinho pelo mar e dos remédios que, para evitar, tem sido aplicados. É o que vou procurar fazer em traços largos pois que a enumeração de detalhes tornar-se-ia fastidiosa e imprópria desta ocasião.

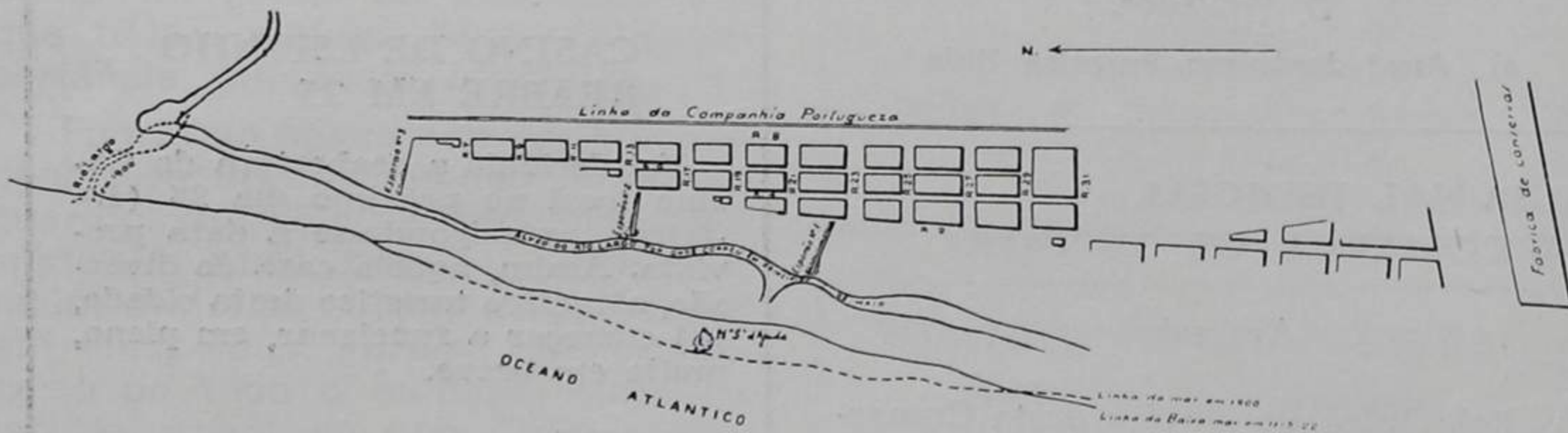
Não deve subsistir dúvida de que em tempo não muito afastado, o sítio onde hoje está assente a parte poente da vila de Espinho, delimitada proximamente pela linha férrea do Norte, era ocupado pelo mar. A tradição oral que afirma esse facto é corroborada pelo aparecimento de numerosas conchas sempre que se procede à abertura de poços nessa zona e pela existência no sub-sólo de rochas com a superfície perfeitamente polida como a das que hoje se encontram no litoral expostas à acção do mar e das areias. Quando há cerca de trinta anos a Companhia Portuguesa necessitou alargar a estação de Vila Nova de Gaia, teve de executar volumes importantes de atões que foram feitos na maior parte com areia trazida de Espinho e carregada próximo da fábrica de Conservas Brandão & C.ª, em frente ao sítio onde hoje está a estação de Espinho-Vouga. Na excavação dessa areia foram encontrados a pequena profundidade cabêcos de rocha nessas condições, e um deles que ainda hoje está a descoberto, a uma cota pouco inferior à dos carris da linha férrea, que deve andar por 10 metros acima do zero hidrográfico.

Em poços abertos na zona poente da linha tem-se encontrado frequentemente cabêcos de rocha muito dura a uma profundidade de uns três metros abaixo da superfície do sólo.

A existência dessas rochas duras e polidas a uma tão elevada cota combinada com a mudança de natureza do terreno que, para nascente da linha férrea, passa a ser de saibro bastante compacto e com uma cota que vai subindo sempre para nascente mostra que o avanço maior do mar em tempos passados dentro dos limites da actual povoação pode definir-se aproximadamente pela posição da linha férrea. E era, certamente, esse conhecimento transmitido pela tradição e corroborado pelos vestígios e indícios atrás apontados que trazia apavorada a população e os proprietários desse bairro mais rico e importante de Espinho quando se deram os ataques do mar de 1909 a 1912, certos como estavam da sua impotência perante a força de um legítimo proprietário que voltava a ocupar o que era seu, expulsando os usurpadores sem piedade e sem receio de que a prescrição do código o impedisse.

Planta do rio Largo mostrando a posição do alveo que ocupou nos primeiros dias do mês de maio de 1922.

Escala 1/5000



A própria Companhia Portuguesa preparou prudentemente a nova via a nascente de Espinho, chegando mesmo a mudar uma parte da antiga, a meio caminho da Granja, por forma a poder estabelecer rapidamente a concordância com aquela em caso de necessidade.

Pelo que diz respeito ao recuo máximo que o mar tenha feito para poente em épocas afastadas, nenhuns elementos há que permitam fixá-lo. A história de Espinho é relativamente recente, pois que anteriormente a 1860 era apenas uma modesta povoação de pescadores constituída exclusivamente por pequenas habitações de madeira, em gíria da beira mar chamados PALHEIROS, como os que ainda hoje se encontram até ao Cabo Mondego, em Esmoriz, Furadouro, Torreira, S. Jacinto, Praia de Mira, etc. (1) A planta topográfica mais antiga existente nos arquivos da Câmara Municipal de Espinho tem a linha dos praia-mares em 1866 a uma distância média de cerca de 450 m da linha férrea em frente à estação do Caminho de Ferro. Em 1912 essa linha chegou a estar apenas a 140 m do mesmo ponto, isto é, o avanço do mar tinha sido em 46 anos de 310 m ou seja a média anual de 6,7 metros. Na planta topográfica acima referida encontram-se também lançadas as linhas dos praia-mares nos anos de 1875, 82, 86, 89, 92, 98 e 1908. Combinando estes elementos com os que se tem determinado, desde que foram iniciadas as obras de defesa, construiu-se o gráfico junto. Actualmente as ordenadas desse gráfico são obtidas da seguinte maneira: Em cada mês, no dia da lua nova, mede-se a distância da linha do praia-mar a pontos fixos situados em determinados alinhamentos paralelos que coincidem mais ou menos com o enfiamento das ruas nascente-poente que delimitam os quarteirões regulares da povoação. A média das médias destas medições é que representa a ordenada do gráfico no ano correspondente. A origem das medidas é a linha da escarpa produzida no avanço máximo do mar em 1912. A simples inspecção do gráfico faz notar a simetria que ele vai tomando em relação à posição de 1912, e com efeito se o avanço médio do mar na fase de corrosão foi como dissemos de 6,7 metros por ano a média do recuo entre 1912 e 1930 é de 6,5 metros.

Será uma simples coincidência? Manter-se-á o recuo? Será o fenómeno de avanço e retrocesso do mar tão regular e periódico como isto?

## Espinho na Assembleia Constituinte

Intervenção do deputado espinhense Dr. Gomes de Almeida

Espinho e S. João da Madeira e os problemas ligados às duas comarcas foram, ontem, objecto de um requerimento apresentado pelo deputado Gomes de Almeida. Eis as formulações e o que se contém em matéria requerida:

«Considerando que, segundo o estudo feito pelo Ministério da Administração Interna e submetido à discussão dos meios de comunicação, o concelho de Espinho ficará — e muito bem — integrado na zona metropolitana do Porto; — dado que foi autorizada a construção do Palácio da Justiça de Espinho, e que tal construção deve ser projectada em condições de servir o futuro, sem perder de vista os ajustamentos que devem ser feitos, nas diferentes áreas e comarcas, de modo a tornar a justiça pronta, acessível e económica; considerando o problema quase insolúvel que foi criado com a comarca de Vila Nova de Gaia, onde os processos se acumulam sem solução previsível, com grandes inconvenientes para as freguesias situadas na parte sul da comarca; considerando que as freguesias de S. Félix da Marinha, Serzedo, Arcozelo e até Grijó, desse concelho, fazem a sua vida comercial, social e económica em Espinho, sendo certo que

entre S. Félix da Marinha e Espinho não há solução de continuidade e que todas elas, de um modo geral, se encontram a escassos minutos de Espinho, percorridos facilmente a pé; considerando, que o mesmo se passa com outras freguesias de concelhos limítrofes de Espinho; considerando que o problema das povoações ligadas a Espinho, é perfeitamente idêntico aos das povoações situadas nos limites de S. João da Madeira, que os dois concelhos são pequeníssimos, mas constituem os dois mais progressivos centros do distrito de Aveiro, e que ambos são núcleos de influência das freguesias que os rodeiam, e se encontram a grandes distâncias das sedes dos concelhos a que pertencem».

Pretendo abordar a questão das áreas destas duas comarcas, e dos seus limites, impostos pelas necessidades dos povos a quem interessam, e peço ao Ministério da Justiça que me informe se projecta ajustar os serviços da Justiça às povoações que dela carecem, consoante os princípios da comodidade, economia e rapidez que se impõem, e, em caso afirmativo, como encara as comarcas de Espinho e S. João da Madeira, e as necessidades das povoações limítrofes delas».

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE ESPINHO

**José do Couto Soares**

(ZECA ROLA)

MISSA DO 7.º DIA

A Associação Comercial de Espinho, participa aos s/ associados que a Missa do 7.º Dia do seu ex-Presidente da Direcção, se realiza no dia 16 (segunda-feira) pelas 19 horas na Igreja Matriz de Espinho.

## AGRADECIMENTO

**Sebastião Ferreira do Couto**

A família enlutada vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam na sua dor bem como às que assistiram à Missa do 7.º dia, pedindo desculpa por qualquer falta involuntariamente cometida.

Espinho, 10 de Fevereiro de 1976.

## AGRADECIMENTO

**CLARINDA RAMALHO MENDES**

A família enlutada vem agradecer a todas as pessoas que a acompanharam no doloroso transe por que passaram e comunicar que a Missa do 7.º Dia se realiza na próxima 2.ª-feira, dia 16, pelas 19 horas, na Igreja Matriz.

**PAULA & C.ª, L.ª DA**

Materiais de EDIFICAÇÃO e DROGARIA

Mercadorias Agrícolas

RUA 19, N.º 450

TELEFONE, 920138

ESPINHO

É impossível dizê-lo e só o decorrer dos anos e continuação das observações poderá defini-lo melhor.

(1) Diz o Rev. Padre António André de Lima, abade de Esmoriz, ilustre erudito que muito tem estudado a história de Espinho, sua terra natal, que em 1808 foi resada missa pela primeira vez na Capela de Nossa Senhora da Ajuda. Esta capela ainda existia em 1900 e ficava situada proximamente da Rua da Estação (hoje Rua 17) a uns 190 m da Estação do Caminho de Ferro em ponto que nas baixa-mares de hoje se vêem uns rochedos.

Também o mesmo autor fala na existência de um livro de matrícula dos pescadores de uma «companha» de pesca de sardinha que trabalhou nas Costas de Espinho de 1822 a 1839. Não há, porém, elementos para se dizer com aproximação qual era a linha dos praia-mares nessa época.



## ESPINHO -- Comarca e Concelho

A criação da comarca de Espinho com o Decreto-Lei n.º 202/73, de 4 de Maio veio satisfazer um anseio dos Espinhenses, velho, com mais de 70 anos. Quantas voltas, quantas esperanças se haviam encadeado, nascido, morrido, nesses anos todos. E não era por bairrismo negativo e alienante que os Espinhenses assim pensavam e actuavam: eles sabiam que o ritmo da sua vida de trabalho se não compadecia com a Justiça a quilómetros de distância e com as inerentes perdas de dinheiro e de tempo. Não é verdade que pessoas sem recursos iam e vinham a pé, quando tinham que deslocar-se à Vila da Feira? Não é exacto que a mais pequena diligência a cumprir no Tribunal implicava pelo menos a perda de meio dia de trabalho?

O Povo de Espinho sabia que a Justiça precisa de ser rápida, acessível e económica. E por tais verdades se batia.

Quando se criou o Tribunal de Espinho não faltou quem falasse de que se tratava de um acto sem outro significado que não fosse o político.

Nós também lhe chamamos político, mas por outras razões. É que, em nome de Averismo e para se não contrariar o Portismo, ficou-se então agarrado ao habitual conservadorismo e não se atendeu, como nunca se atendia, ao compasso e esquadro para criar um concelho e uma comarca que servissem verdadeiramente as povoações que se situam à volta de Espinho, que fazem de Espinho a sua vila ou cidade, que aqui vivem a sua vida, que aqui se deslocam diariamente, com comodidade e economia. E essas pessoas tem tanto direito como nós à comodidade, rapidez e economia dos serviços públicos.

O 25 de Abril veio dar-nos a certeza de que o País terá de evoluir, no sentido de se mexer numa divisão administrativa medieval, que emperra a máquina do desenvolvimento das povoações que o constituem.

Espinho, ao que parece, vai ficar a pertencer — e bem — à zona Metropolitana do Porto.

Mas o concelho de Espinho tem apenas quatro freguesias. Tem à sua volta freguesias que se situam a poucos minutos de distância, percorrida a pé. E tem outras que dispõem de acessos diários facilísimos e cómodos, que permitem aos seus habitantes trabalhar e viver em Espinho, fazer aqui a sua vida comercial e social, com grande economia de tempo e de dinheiro, em relação ao que perdem pela sua ligação à sede de outros concelhos.

Referimo-nos a Nogueira da Regedoura, a S. Paio de Oleiros, a Esmoriz, a S. Félix da Marinha, a Arcozelo, a Serzedo e até a Grijó.

Se se pensar a sério em aproximar cada povoação dos núcleos que mais possam contribuir para o seu desenvolvimento e para a satisfação das necessidades das suas gentes menos favorecidas, o caso que temos de levar a lançar uma olhadela para estas freguesias e para as vantagens da sua ligação a Espinho. E agora, que o caciquismo local não tem razão para existir, a solução do problema não terá dificuldades, numa nova divisão administrativa do País que venha a ser feita.

Receavam alguns que o Tribunal de Espinho não tivesse movimento. A consulta do mapa comprovativo que publicamos mostra que a Comarca de Espinho, de 3.ª, constituída por quatro pequeníssimas freguesias e com uma só secção, teve, em 1975, movimento aproximado ao de qualquer dos Juízos da Comarca da Vila da Feira, de 1.ª, com dois Juízes, e quatro secções e abrangendo trinta e uma freguesias.

### MAPA DO DESENVOLVIMENTO ANUAL DE PROCESSOS

#### C Í V E L

	Espinho 1 — Secção	Vila da Feira	
		1.º Juízo 2 — Secções	2.º Juízo 2 — Secções
<b>Acções de processc:</b>			
Ordinário .....	32	37	35
Sumário .....	61	87	85
Sumaríssimo .....	52	111	112
Especial .....	53	41	48
<b>Execuções:</b>			
Ordinárias .....	1	3	2
Sumárias .....	10	4	5
Sumaríssimas; de sentença; por custas e fiscais .....	73	144	156
<b>Inventários:</b>			
Obrigatórios .....	30	63	67
Entre maiores .....	8	15	16
Falências e Insolvências .....	—	2	2
<b>Procedimentos cautelares; Cauções;</b>			
Depósitos e protestos .....	5	3	3
Outros .....	5	2	—
Deprecadas dstrbuídas .....	184	137	134
Deprecadas para simples citação, notificação, etc. ....	888	249	249
TOTAL .....	1.402	898	914

#### C R I M E

Cordo de Delito .....	997	683	709
-----------------------	-----	-----	-----

Foi tendo em consideração este facto que a Portaria de 2 de Fevereiro corrente dotou o Tribunal de Espinho com mais pessoal.

Mas isto não resolve o problema.

Em primeiro lugar porque, comparado o pessoal de que Espinho passa a dispôr com o que preenche os quadros de outras comarcas de menor movimento que o nosso Tribunal, fica sem se saber qual a razão pela qual Espinho continua comarca de terceira e sem o pessoal necessário.

## Tem a palavra a C.M.E.

### HABITAÇÃO

#### B) Caixa Geral de Depósitos

Em 25/9/1974, manifestamos, à Caixa Geral de Depósitos, estranheza pelo facto de se encontrar «devidamente aprovado» um projecto de construção de habitações no terreno, sito na Rua 16, sem que até ao momento, e iam passados 10 anos, se tivessem iniciado os trabalhos. Chamávamos a atenção para a carência de habitações que se verifica nesta cidade» o que tem levado muitas pessoas a considerar uma incoerência da Caixa «uma vez que vem, publicamente, animando a construção através de facilidades de crédito e mantém em suspenso um projecto aprovado há dez anos».

Como resposta recebemos, em 19 de Novembro de 1974, o officio n.º 11.392 — DSF-2, onde se pode ler:

«Se bem que as condições existentes ao tempo justificassem a alienação do terreno, houve da parte da Caixa a preocupação de lhe ser dada uma aplicação socialmente útil. Assim, através da Caixa Geral de Aposentações foi decidida a construção de habitações destinadas a funcionários do Estado e dos Corpos Administrativos no âmbito do Decreto-Lei n.º 42.921, de 27 de Abril de 1960.

A evolução do empreendimento foi porém protelada em consequência do inquérito a que então se procedeu junto dos funcionários, para avaliar do interesse que merecia a projectada construção, cujos resultados não foram julgados satisfatórios.

Mais tarde decidiu-se dar andamento ao assunto, perante o Decreto-Lei n.º 48.946, de 31 de Maio de 1969, que veio permitir, sempre que se verificasse a falta de candidatos preferenciais, a participação de estranhos à função pública nos concursos para a atribuição de casas construídas pela Caixa Geral de Aposentações.

Deste modo, após preparação do projecto, a empreitada de construção foi submetida a concurso público em fins de Novembro de 1972 mas entretanto surgiu o Decreto-Lei n.º 583/72, de 30 de Dezembro, que impediu a respectiva adjudicação, dificuldade que ainda se mantém.

Por tal motivo, foi agora decidido consultar o fundo de Fomento de Habitação (F.F.H.) sobre a possibilidade que terá de se encarregar da construção de dois edifícios com um total de doze habitações, no que restar disponível do terreno da Caixa.

É o que se oferece comunicar de momento, assegurando que voltarei ao assunto logo que seja recebida a comunicação do F. F. H.»

Imediatamente remetemos fotocópia deste officio ao Fundo de Fomento de Habitação pedindo «a sua contribuição para a resolução de tão angustiante problema como é o da habitação». O Fundo enviou a Espinho um representante que aconselhou a Câmara a solicitar da Caixa que se pronunciasse sobre:

- O projecto de ampliação da Agência e construção de doze habitações;
- O financiamento das doze habitações.

A Caixa respondeu em 23 de Janeiro de 1975 dizendo:

«No tocante à admitida construção de doze habitações, apraz-me transmitir os seguintes dados:

O assunto continua a ser tratado com o Fundo de Fomento de Habitação, visto haver indispensáveis formalidades a preencher. Não obstante já foi enviado ao F.F.H. o projecto primitivo com indicação das alterações introduzidas, contando-se que a organização do concurso, a fiscalização e a administração da obra fique a cargo daquele. Por outro lado, a Caixa terá o encargo, na devida oportunidade, de atribuir

as habitações, por meio de concurso a abrir entre funcionários do Estado e dos Corpos Administrativos».

Novamente remetemos fotocópia deste officio ao Fundo de Fomento de Habitação para os efeitos que tivessem por convenientes, todavia os meses foram passando e ninguém se dignou responder. Por tal motivo resolvemos, em 30 de Setembro de 1975, escrever ao Fundo salientando que: «A crise habitacional agrava-se diariamente com implicações de vária ordem sobretudo numa cidade como Espinho onde, ultimamente tem chegado milhares de retornados das ex-colónias, não parecendo curial que se atrase uma iniciativa que conta à partida com terreno, projecto e meios financeiros. Interrogações deste tipo são, diariamente, feitas à Câmara pela população ansiosa por uma casa onde se albergar».

Em resposta foi-nos dito, pelo Ex.mo Senhor Eng.º Fortuna Pereira, da Direcção de Habitação do Norte, quando da sua visita a Espinho, que fora entregue, a um Arquitecto, a revisão do projecto com vista à próxima abertura do concurso público. Esta notícia foi confirmada, telefonicamente há dias.

### C) SOLVERDE

#### — Sociedade de Investimentos Turísticos da Costa Verde, S.A.R.L.

A publicação do Decreto-Lei n.º 295/74, de 29 de Junho de 1974, tornou possível «rever as condições dos contratos de concessão em vigor das Zonas de Jogo, tendo em vista a melhor rentabilidade social das concessões», permitindo, após acordo entre o Conselho de Inspeção de Jogos, a Solverde e a Comissão Administrativa da Câmara proceder, no referente à Habitação, às seguintes alterações homologadas em 3 de Dezembro de 1975 por Sua Excelência o Ministro do Comércio Externo.

#### a) Obras reversíveis para o Estado ou Câmara

Transferir 20.000 contos da verba destinada à edificação do Novo Casino para habitações sociais nas freguesias, sendo 10.000 para 1976 e 10.000 para 1977. Com vista à dinamização do processo houve reuniões com as Comissões Administrativa das Juntas de Freguesia, tendo as mesmas chegado a acordo que a referida verba deveria ser distribuída da seguinte forma:

Silvalde .....	7.648.500\$00
Anta .....	6.259.300\$00
Paramos .....	4.736.300\$00
Guetim .....	1.355.900\$00

Mais ficou deliberado, nas reuniões havidas, que as Juntas de Freguesia apresentariam sugestões à Repartição Técnica da Câmara quanto aos terrenos onde melhor se poderiam localizar as habitações em causa, tendo em vista que devem ser aproveitadas as infra-estruturas existentes.

#### b) Obras reversíveis para a Solverde

1.º) Transferir a verba de 77.500 contos destinada a um Hotel de 3 Estrelas a sul do Casino para Blocos Comerciais e Habitacionais de renda limitada com o seguinte programa: 20.000 contos em 1977, 30.000 contos em 1978 e 27.500 contos em 1979.

2.º) Transferir a verba de 15.200 contos destinada a um Hotel de 50 apartamentos para habitações de renda económica programada assim: 5.200 contos em 1976, 5.000 contos em 1977 e 5.000 contos em 1978.

3.º) Transferir a verba de 85.600 contos destinada a apartamentos turísticos a norte e a sul do Casino para habitações de renda limitada a localizar e com o seguinte programa: 5.000 contos em 1980, 20.000 contos em 1981, 27.000 contos em 1982, 15.000 contos em 1983 e 18.600 contos em 1984.

Depois porque Espinho pode ajudar a resolver o problema gravíssimo da comarca de Vila Nova de Gaia, onde é impossível dar andamento ao serviço, continuando a obrigar-se a ir a Gaia pessoas das freguesias sul dessa comarca — São Félix da Marinha, Serzedo, Arcozelo e Grijó — que têm em Espinho, a poucos minutos e com amplos e rápidos acessos, a Justiça acessível a que têm pleno direito.

Foi por entender assim que, ao saber da construção do Palácio da Justiça de Espinho, chamamos a atenção de quem pode e deve encarar de frente estes problemas para a futura necessidade de instalar no edifício dois Juízos e não apenas um.

Venham os responsáveis ver connosco e estamos convencidos de que nos darão razão.

AMADEU MORAIS



## DESPORTO - A Assembleia Geral SCE

(Conclusão da pág. 9)

Em seguida a leitura do extenso documento, no qual se procura apresentar as razões do Sporting de Espinho e explicar tudo, em defesa dos interesses da Colectividade — grande vítima do insólito acontecimento — apontando outros culpados, como factos reais e subjectivos que terão concorrido para o sucedido. Salientada que na posição do Gil Vicente houve flagrante exploração. Ataque velado à forma como alguma Imprensa se terá referido ao caso.

Tentou-se, de alguma maneira, explicar o inexplicável e atenuar o que é difícil de atenuar.

Explicou-se que a Direcção, apesar de ter apresentado o pedido de demissão, nunca pensou desertar. Quis deixar aos sócios a decisão se, nesta crise, seria aconselhável outra orientação.

Intervieram três associados. Foram sensatas e oportunas as palavras do Presidente do Conselho Geral, João Barbosa. Depois, outro associado, tentou justificar-se da sua conduta nos acontecimentos. Um outro teve palavras de congregação clubista. O último, que pretendia que e imputassem responsabilidades a um dos atletas, na base do qual terá estado o

«sururu» donde resultou o imbróglio, foi impedido de falar pela assembleia. Depois, para tentar pôr termo àquele momento insólito e incompreensível (não será elementar e democrático deixar expôr ideias num evento daqueles?) o Presidente da Assembleia Geral defendeu o atleta visado (Amaral), contrapondo as atitudes posteriores que teve (de homem e de desportista) e acabou de forma abrupta a assembleia, considerando que tudo quanto ali se fora tratado já o estava.

Entretanto, no decurso do evento foram explicadas as razões do jogo com o Famalicão ser em Ermesinde e a mecânica da marcação desses encontros, enquanto a interdição durar.

Uma Assembleia Geral com ressaibos a frustração, de muita «parra e pouca uva», onde se procurou, incompreensivelmente, explicar o inexplicável, e donde se deduziu que o momento, presente e futuro, é tremendamente dificultoso para o Clube, pelas consequências financeiras e desportivas que vai acarretar. Ficou no ar uma chamada à congregação, bom senso, realismo dos associados, para que dessa união possa ser encontrada a plataforma de minoração da crise, quando não o futuro do Clube pode ser deveras difícil.

## Voleibol Internacional

(Conclusão da pág. 10)

Note-se que se procurou vender apenas um número de bilhetes de acordo com a real capacidade do recinto, em clara manifestação de respeito pelo público, que tantas vezes é espoliado nos campos de futebol, pois paga bem e, depois, não consegue senão espreitar umas jogadazitas de esguelha e espremidão. Além disso, a compreensão e apoio do público espinhense não merecia coisa tão insólita.

\*\*\*

O treinador do Estrela Vermelha perguntou a que horas principiava exactamente o encontro. E porquê? Porque, de acordo com a hora de início, programaria o aquecimento para os seus atletas. Como, à portuguesa, o horário falhou, viu-se os eslovacos a vestirem os seus fatos de treino, de forma a não arrefecerem após os exercícios, pois tinham trabalhado no sentido de estarem «au point» quando do apito inicial do árbitro.

\*\*\*

Em tribuna improvisada, estiveram os representantes da nossa Câmara, da Comissão Municipal de Turismo, dirigentes das entidades voleibolísticas, da AAE, da caravana eslovaca e do SCE.

A curiosidade ou o contraste maior: dos dirigentes dos «tigres» nem um usava gravata, enquanto os do Estrela Vermelha vinham todos engravatados. É caso para «chalaçar»: burgueses a armarem em proletários, ou vice-versa?

\*\*\*

Principiou a funcionar um marcador eléctrico no Pavilhão «Joaquim Moreira da Costa Jr.». Projectado e construído pelo pessoal das Oficinas Mecano-eléctricas da Cerâmica de Valadares, nas suas horas vagas, entenda-se. Assim, com o marcador eléctrico, com a colaboração da Cerâmica, aquilo é outra «loja». Ficou preenchida uma lacuna e valorizado o recinto, mas ainda não está completo, nem no lugar definitivo.

\*\*\*

Surpresa grande para os nossos visitantes, foi o público a encher de fumo cigarral o recinto onde se ia fazer desporto. Incompreensível, tanto mais que um punhado de atletas vai fazer esforço físico em ambiente poluído. Tecla já muito batida, mas os hábitos portugueses não mudam facilmente. E falta a coragem para se proibir, como se impunha. E como sucede em teatros, cinemas, por exemplo! Talvez, com menos justificação.

\*\*\*

Quanto ao jogo, e questões afins, a apreciação faz-se noutro local. Apenas de realçar que um dos dirigentes eslovacos afirmou que o número 9, Cifra Jan, de 23 anos, 1,93 m. internacional júnior tem uma capacidade de remate em que a bola atinge uma velocidade de 104 km/hora! Livra!

\*\*\*

Apontamentos de Arménio Gomes, coligidos por Carlos Sárria

## Entrevistas sobre o Sp. Espinho - Estrela Vermelha

(Continuação da pág. 10)

No final do jogo, e depois da exibição de um excelente «set» de exibição dos eslovacos, integrando em cada uma das suas equipas, Rolando e Cadete, que terminou com um 15-13 e teve a duração de 26 minutos, ouvimos:

ROLANDO («capitão» dos «tigres»): Não há muito a dizer. Como se viu, existe uma grande diferença de valor. Reflexo de duas sociedades diferentes. Competir de igual para igual, é, como se compreende, impossível. Nós estamos satisfeitos com o resultado, conscientes do dever cumprido, porquanto conseguimos dignificar o desporto, dar boa réplica e valorizar este magnífico espectáculo.

que todos nós, os que saímos e os que ficamos arregacemos as mangas e tentemos fazer algo para bem de todos nós e das nossas consciências.

Parto, Senhor Director, mas antes de o fazer não quero deixar de agradecer as suas belas palavras e comigo creio que vai a gratidão de todos os refugiados.

Senhor Director, os meus, os nossos sinceros agradecimentos. Até um dia.

Manuel Alves de Almeida Magalhães

O resultado do encontro espelha a diferença de valor entre os dois conjuntos, reflexo de como, num lado e noutro, se encara o voleibol e o desporto. Na turma de Bratislava há dois jogadores profissionais e os restantes são estudantes e trabalhadores, mas usufruem da possibilidade de poderem treinar um mínimo de 4 horas diárias, duas de manhã e duas à tarde.

Compare-se... «Milagres» não há, nem super-homens!

\*\*\*

Logicamente, em seguida aos aperitivos vinícolas, veio o almoço. Foi no Restaurante do «Mar Azul», tendo a caravana eslovaca de defrontar um valentíssimo cozinheiro português. Durante o repasto, aproveitou-se para perguntar «lá como é?». Assim, soube-se que uma família de quatro pessoas, pais e dois filhos, gasta mensalmente, uma média de 1.150\$00 com a alimentação. Exemplifiquemos praticamente: um quilo de pão custa 2\$50; 1 quilo de carne, vale 30\$00; o de açúcar, 3\$00; o leite custa 2\$00 o litro e 1/2 de cerveja (12") compra-se por 4\$00.

\*\*\*

O almoço agradou, notoriamente, aos visitantes, não só pela boa confecção, como também pelo facto de lhes terem surgido pitus inéditos, como camarões, cujo único senão, foi serem poucos! No fim, tão bela «exibição» fizeram que um, corajosamente, afirmou que tinha sido um «atentado contra a saúde»!

\*\*\*

A meio da tarde dominical, houve passeio ao velho burgo portuense e arredores. Poucos aceitaram o convite. Estavam, de facto, cansados, e tinham um encontro à noite. Os mais «fracotes» entregaram-se a uma reparadora soneca. Os passeantes, esses gostaram de apreciar o Porto visto da Serra do Pilar, visitaram a Sé, fotografaram o mar junto ao Castelo do Queijo e... detestaram ver os montes de lixo por tanta e tanta parte.

\*\*\*

Após o jantar, jogaram com uma selecção do Norte, em S. Mamede de Infesta. Outra manifestação de superioridade, mas evidenciaram cansaço natural pela lufalufa da estadia entre nós. Regressaram a Espinho por volta da meia-noite e, embora convidados para apreciarem uma pinguita, um traço de broca, presunto e azeitonas, em casa de um dos acompanhantes espinhenses, já não tiveram «forças» para aceitar o convite.

Não sabem quanto perderam!

\*\*\*

Sete da manhã — ou da madrugada? — de 2.ª-feira, ei-los a tomar o pequeno almoço de malas aviadas. Daí a pouco, demandaram Pedras Rubras.

Evidenciavam reconhecimento pela forma como foram recebidos nesta cidade. No Aeroporto, aqueles últimos abraços, com as hospedeiras da TAP a requererem pressa que o avião tinha de voar, foram a prova evidente que tudo lhes havia corrido bem, sabido melhor, sentindo-se felizes em Espinho, em Portugal. Agora, até lá.

Agora, até lá.

## AO ACASO

POR JOTA

Conheço mal a «Defesa de Espinho». Dizem-me que vai passar por uma reestruturação interna. Novos processos de trabalho e definição mais concreta na sua orientação. Como disse, sei pouco deste Semanário local. Conheço alguns dos seus actuais colaboradores e, tanto quanto me apercebo, aqueles servem-no com despreziosa dedicação. Dedicação que se me afigura justificada «apenas» pela simples razão de serem Espinhenses de sempre. Por isso servem a «Defesa de Espinho». Esta a verdade. São Espinhenses! E os Espinhenses querem ter o seu Jornal. E devem tê-lo. Logo, não se poupam a esforços. Não fazem exigências descabidas, o que não quer dizer que não exijam. Mas, o que exigem, isso sim, é que os deixem fazer um trabalho sério e válido, tornando a «Defesa» um jornal com interesse. No entanto, parece que a equipa é ainda reduzida, pelo que necessitam de colaboração. Daí que me tenham «cravado». Pensando bem, eu que também gosto de escrever, e que já me vou considerando Espinhense, não podia negar. Só que, não sei se conseguirei corresponder. Contudo, e dentro da minha capacidade e dos meus escassos recursos jornalísticos, que tenho de reconhecer serem mesmo reduzidos, procurarei, de vez em quando, AO ACASO, vir a estas colunas ocupar-me de um ou outro assunto e/ou ponto de vista, assim mesmo, AO ACASO.

## Cartas ao Director

Espinho, 6 de Fevereiro de 1976

Senhor Director:

Pessoa amiga fez-me chegar às mãos a «Defesa de Espinho» de 30 de Janeiro passado, alertando-me para o Editorial em que depois de o ler me deixou uma réstea de esperança.

Esperança de quê?

Senhor Director, sou refugiado. Repare que não digo Retornado porque faço um conceito muito diferente daquele que pessoas com responsabilidades atiraram para o mundo português essa palavra. Eu diria a essas pessoas quem são os verdadeiros retornados. Para mim resta-me uma certeza que é a de que os Retornados ao nosso País são uma minoria que se julgam os salvadores do povo português. Eu e todos nós que viemos de África não somos Retornados.

Dirá talvez o Senhor Director, o que somos? Pois eu continuo com dúvidas.

Refugiados? Desalojados? Causadores da ruína do nosso País? Exploradores de quem e como? Não sei Senhor Director, mas, uma certeza eu a tenho: em muitos casos até somos refugiados. Porquê? Não sei, cu melhor eu sei e mais alguém. Refugiados porque alguém na sua ansia de poder atira com o mais indigno parafraseado para o Mundo afim de conseguir os seus objectivos. O caminho a seguir não interessa. Os objectivos, esses sim são os que contam.

Eu sou uma vítima dessa «exemplar» descolonização. Por isso Senhor Director quando estas minhas letras saírem impressas no papel possivelmente já não me encontro na terra onde nasci, porque me sinto a mais nela. Porque depois de me terem tirado da terra que eu adoptei como minha e em que me nasceu uma filha sinto-me sem Pátria e sem lar.

Não digo o mesmo de minha família pois essa ao contrário de muita outra só procurou ajudar-me, prejudicando-se por vezes a si mesma. A ela e para ela sinto-me com responsabilidade de imensa gratidão.

Vou procurar novos mundos, porque se progressismo é sinónimo de miséria eu que me considerava progressista tenho forçosamente de mudar de ideias. E chego a pensar Senhor Director, se não seria melhor para nós, pelo menos os que trabalhamos, aquilo a que agora chamam de fascismo.

Vou partir. Talvez já tenha partido do País da desordem e em que meia dúzia de indivíduos lutam para ocupar lugares que outros tempos foram ocupados por outros. Mas apesar de tudo não deixo de agradecer sinceramente, Senhor Director as suas palavras nesse belo Editorial da sua/nossa «Defesa de Espinho».

Sinceramente, honestamente, não, as esperava da sua caneta. Não as esperava porque é norma das pessoas bem instaladas na vida não se darem ao cuidado com aqueles que sofreram e ainda sofrem na carne e no espírito as amarguras duma descolonização feita por indivíduos sem o mínimo de senso.

Parto mais confiante depois de ler o seu Editorial. Confiando em que mais alguém siga o caminho que o Senhor Director abriu através do seu Jornal. Só espero um dia voltar com o País disciplinado. Com o País sem ódios. Com o País em franco desenvolvimento. Com o País em que não apenas construtores e destruidores, mas sim e apenas construtores. E Senhor Director, como seria belo que todos nós trabalhássemos para uma causa comum.

Espero Senhor Director, que as suas palavras não caiam num beiro qualquer dum qualquer rua de Espinho. Espero

Carlos Sárria



# VIDA REGIONAL

## ANTA

### SINALIZAÇÃO

Já em Agosto de 1974, nestas colunas, denunciei a falta de sinalização nas estradas, nas ruas, nos caminhos, da nossa povoação.

Que tivesse notado atitudes no sentido de se ultrapassar esta falta, não vislumbrei. Que visse, além de um pequeno, enfezado envergonhado, amarelo, sinal, espetado no muro indicando o Porto, não enxerguei.

E, então, esse ridículo sinal, foi cimentado ao muro que forma um V, e que margina o acesso à Quinta e Congôsta.

Em boa verdade, só poderemos reconhecer um sentido de humor requintado por virtude única e festejável. De útil, pouco terá. E vejamos por quê. Quem vem do Picôto não terá, por certo, qualquer dificuldade em chegar até ao largo do Souto sem erros, considerando que intenta ir para o Porto, ou outro local, utilizando a via Espinho-Porto. Até aqui, ao Souto, não se engana. Chega aqui e pára. Onde se indica a sequência para o Porto? Em lado nenhum. O condutor terá que descobrir, qual Pedro Álvares Cabral, que o indicativo se encontra lá mais adiante. Com franqueza...

Façamos uma guerra acesa, incansável, sem tréguas, sem demora, já, junto de quem decida, de quem ordene, de quem tenha responsabilidades por tal pelouro, solicitando ajuda para este melhoramento. Pensando friamente, sem calores de refrega, sem ares ambiciosos, sem teimosias vãs, reconhecemos, honestamente, que não temos tido actuação válida neste aspecto.

E atentemos. Dentro dos limites

desta nossa área habitável, não encontramos qualquer sinalização. Salvo a que, ao cimo da rua 33, indica o centro de Espinho, e, Picoto, nada mais há. Considero sinalização séria, visível, útil, necessária, agradecida, esta que frizo. Porque, comparativa com a pequena amostra acima referida, só se entende, só se aceita, só se agradece, onde outro tamanho se não possa colocar.

Mas o mal já vem de longe, como certo produto em propaganda.

Basta recordar que, ainda o embrião das ruas 19 e 33 era mera ficção, já outra sinalização não existia. E nesses últimos anos, antes da abertura ao trânsito das ditas ruas, o movimento era considerável. Recordemos a época balnear para nos situar em cima do problema.

No momento em que vivemos, dinâmico, industrial, rápido, contestário, progressista, político, desportivo, não se pode aceitar que não tenhamos lutado por indicador aos transeuntes onde está, para onde vai quantos quilómetros lhes falta ao itinerário, se a via é perigosa, se há crianças em movimento, se não vai para voltar para trás por findar a via.

Claro que não incluo, neste arrazoado, os sinais, muito poucos mas alguns, que estão avisando a proximidade da Escola ou Stop. Estes os considero mais urgentes ainda. Ficarão para nova investida, que, reconheço, deveria ser prioritária.

Estou pronto para qualquer trabalho que promova a aceleração, a resolução, desta minha chamada, logo que, para tanto, me reconheçam valia.

ERRO

### PRESTACÃO DE CONTAS

No passado dia 6 do corrente reuniu no Salão Paroquial a Comissão Administrativa da Junta, para a qual havia solicitado a comparência do público, que afluíu em número que impressionou bem, dando mostras do interesse que lhe vem despertando os problemas da sua terra.

Aberta a sessão pelo presidente da Comissão Administrativa que depois de saudar todo o público presente, delegou no cívico escrivão da Comissão Administrativa a leitura de contas relativas ao ano de 1975. Simultaneamente o presidente ia informando a assistência de como e onde foram aplicadas as verbas, bem como a proveniência das receitas e assim se atingiu o termo desta parte constante da ordem de trabalhos, que, na sequência e em breve apontamento, foi tributada à Comissão de Moradores do Agro-Velho, o merecido agradecimento e elogio, pela forma como interpretaram e executaram o concernente à função de uma verdadeira Comissão de Moradores, esperando que do exemplo desta, outras se formem, imbuídas do mesmo espírito. Em seguida foi dado conhecimento da verba de 6.200 contos atribuída pela Câmara, proveniente da Empresa Solverde, para a construção de casas de renda económica, com efeito, em diferentes lugares (4) e por acordo geral.

Foi posta a questão de se constituírem comissões locais para a indicação de terrenos, que entenderam desnecessário, delegando e aprovando a escolha indicada nesta mesma sessão pela Comissão Administrativa. Ainda dentro do mesmo ambiente de cordealidade e satisfação foi feita uma panorâmica sobre as condições que deve reunir as pessoas indigitadas

para o desempenho de funções administrativas em freguesias, sobre tudo no que se refere a passagem de certidões para feitos diversos, em que os interessados (alguns) não olham a meios para atingir fins, sem curar de saber que com isso, brigam com a integridade moral do responsável pela sua passagem e que, atingidos os seus objectivos (casos inerentes à Casa do Povo em especial) colaboram na prática de um acto desumano e imoral, que outros justamente condenam, julgando como é óbvio, a ausência de dignidade de tais pessoas.

Este, pelo que me foi dado observar, é o mais escabroso e desalentador teste a que foi submetida a Comissão Administrativa desta freguesia, que, manda a verdade, procurando ser não só delicada e atenciosa para com todos, não credenciou práticas obsoletas e interesseiras.

O autor deste arrazoado, embora desiludido, mas persistente, espera que a Junta que substituirá a Comissão Administrativa saiba servir a freguesia com a mesma singeleza e dignidade, sem aparatos mas com eficiência, fazendo votos para que não se regresse a exibicionismos domiciliários, susceptíveis de especulação.

Há uma casa que é de todos e só nela, todos têm o direito de ser atendidos convenientemente, na totalidade das suas — justas — pretensões, sem ter de efectuar os maquiavélicos percursos da casa de Herodes para Pilatos.

A. O. e S.

Nota: Esta colaboração do nosso assinante A. O. e S. é do conhecimento do nosso correspondente em Anta sr. Ernesto Oliveira.

### Casa Romeu \* Oculista Vitó

Rua 19 n.º 299

Telef. 921433

ESPINHO

Rua 19 n.º 242

Telef. 921433

Duas casas onde o bom gosto impera

ÓPTICA ESPECIALIZADA \* NOVIDADES \* BOUTIQUE

### CASA ANGÉLICA

Rua 19 n.º 209 — Telefone, 920236

MODAS — MALHAS — MIUDEZAS

Exclusivistas das malhas «SIDNEY»

Com os cumprimentos da

BOUTIQUE  
FRANCINE II

Rua 8, N.º 579

Telefone, 920122

ESPINHO

### DROGARIA BAPTISTA

EDUARDO REIS BAPTISTA

Rua 23, n.º 240

ESPINHO

Produtos de Beleza do  
Dr. N. G. Payot. Grande  
sortido em perfumarias  
Nacionais e Estrangeiras

Telefone, 920467

### Móveis

### Decorações

### BAPTISTA

Rua 20, N.º 528

Telefone, 921534

ESPINHO

### MANUEL PEREIRA FONTES

— Fábrica de Tapeçarias —

Importação

Exportação

Tapetes e Carpetes manuais — Passadeiras, tapetes, carpetes e alcatifas mecânicos «Wilton» e «Axminster» com desenho «REALCE» (marca registada)

Telex 22255 — Fontes — P Telef. 921316/7/8 — SILVALDE — ESPINHO

# LUSOTUFO

Tapetes • Carpetes • Alcatifas

TEL. 72005

CORTEGAÇA



# C O R F I

## Duas Organizações o mesmo Prestígio!

# C O T E S I

### CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Licenciada Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 9 de Janeiro de 1976, lavrada de folhas 138 verso a 140 do livro de notas para escrituras diversas A-Número 43, deste cartório notarial de Espinho, os senhores RODRIGO RODRIGUES MARQUES, casado, residente nesta cidade de Espinho, na Rua Sete, 258, ANTÓNIO DA SILVA CORREIA, casado, residente nesta cidade, na Rua Nove, 309, segundo andar, e VITOR MANUEL FERNANDES PRATAS, solteiro, maior, residente também nesta cidade, na dita Rua Sete, 258, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

**PRIMEIRO** — A sociedade adopta a firma de «MARQUES, CORREIA & PRATAS, LIMITADA», e tem a sua sede e estabelecimento na Rua Sete, número 314, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho, e a sua duração é por tempo indeterminado, tendo o seu início a partir desta data.

**SEGUNDO** — O seu objecto é o comércio de ferragens e electrodomésticos, podendo entretanto dedicar-se a outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja permitida por lei.

**TERCEIRO** — O capital social integralmente realizado em dinheiro, é de 150.000\$, e corresponde à soma de três quotas iguais de 50.000\$00, pertencentes uma a cada um dos sócios Rodrigo Rodrigues Marques, António da Silva Correia e Vitor Manuel Fernandes Pratas.

**QUARTO** — Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, mediante as condições estabelecidas por deliberação a tomar em assembleia geral.

**QUINTO** — A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento dos sócios não cedentes.

**SEXTO** — A representação da sociedade em juízo ou fora dele, será feita pelos sócios, que desde já são nomeados gerentes.

**PARÁGRAFO PRIMEIRO** — Os actos e contratos que, pela sua natureza, envolvam responsabilidade, terão de ser firma-

dos por dois gerentes, sendo sempre necessária a assinatura do gerente Rodrigo Rodrigues Marques, mas os de mero expediente poderão ser assinados por um só gerente.

**PARÁGRAFO SEGUNDO** — A sociedade será estranha a quaisquer actos e contratos firmados pelos gerentes em letras de favor, fianças, abonações ou outros semelhantes.

**PARÁGRAFO TERCEIRO** — Os gerentes poderão delegar os seus poderes de gerência, no todo ou em parte, nos seus consócios, mas a pessoas estranhas é necessário o consentimento da sociedade.

**PARÁGRAFO QUARTO** — Os gerentes são dispensados da prestação de caução e terão a remuneração que for fixada em assembleia geral.

**SETIMO** — Por morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade não se dissolve, mas continuará com os sócios sobreviventes ou capazes e os herdeiros ou representante legal do falecido ou interdito, devendo aqueles nomear um de entre si que a todos represente na sociedade enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

**OITAVO** — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos, salvo os casos em que a lei exija outra forma de convocação.

*Está conforme ao original.*

Espinho e Cartório Notarial, 12 de Janeiro de 1976.

O Ajudante do Cartório,  
José dos Santos Sil

### Agradecimento

JULIETA SILVA PEREIRA PINHO

Seu marido, António Correia Pinho, sua filha, Maria Julieta, seu genro, Amaro Ferreira, vêm por este único meio agradecer, muito penhoradamente, a todos os que se dignaram assistir ao funeral deste ente querido ou manifestaram o seu pesar assim como aos que compareceram à Missa do 7.º Dia.

### Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas

Realizou-se no último sábado, no Salão Nobre da CME, uma reunião convocada pela Comissão Administrativa, tendo em vista dar conhecimento, e posterior seguimento, às tentativas encetadas desde Dezembro último, para a concretização da Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas (CERCI).

Compareceram representantes das Comissões de Pais, Juntas de Freguesia, Colectividade, Professores dos diferentes graus de ensino, Médicos e Assistentes Sociais.

A iniciar o Colóquio, o Vice-Presidente da Comissão Administrativa deu a conhecer aos presentes os contactos já havidos com a Direcção Geral do Ensino Básico, Divisão do Ensino Especial, a qual prometeu já o pessoal docente necessário para o funcionamento da Cooperativa e recomendou que se contactasse os pais das crianças, médicos, psicólogos e mais pessoal especializado, no sentido de obter o seu apoio. Neste sentido a Câmara já contactou com o Instituto de Assistência Psiquiátrica de Coimbra, Centro de Saúde Mental do Porto, Instituto de Família e Acção Social e Instituto da Acção Social Escolar.

Foram também contactadas idênticas Cooperativas já em funcionamento em Lisboa e Aveiro, que prometeram a sua melhor colaboração, prontificando-se a transmitir o resultado da sua experiência.

Foi ainda dado a conhecer aos presentes, com base numa estatística feita a nível nacional pelo Mi-

nistério de Acção Social, que no concelho de Espinho existem, provavelmente, cerca de 2.000 crianças com deficiências de vária ordem, desde débeis intelectuais ligeiros a deficientes intelectuais profundos, e ainda deficientes das qualidades auditivas, visuais e motoras.

Perante estas duras realidades os presentes entraram em franco debate no fim do que foi resolvido constituir uma Comissão Promotora, que ficou formada pelos seguintes elementos:

D. Maria Fernanda Alves Ribeiro, D. Maria do Carmo Gomes Fernandes da Silva, D. Maria de Lourdes dos Santos Alvês de Sá, D. Maria Cândida Monteiro Vieira, D. Vitalina Fernandes de Melo e Silva, Arq.º Jerónimo Reis, Prof. Mário Neves, Dr. José Manuel Paiva, Dr. António José Miranda Valente, Prof. Gil Antunes Rosa, Miguel de Oliveira Rocha, José Salvador Rodrigues da Silva, um representante de cada Junta de Freguesia e um representante da Câmara Municipal de Espinho.

Ficou marcada para ontem, dia 12, a primeira reunião desta Comissão e a ela nos referiremos no próximo número.

**No próximo número:  
Entrevista - Reportagem  
sobre o  
Patronato de Espinho**



# INTERVALO

FEVEREIRO DE 1974 — Em Famalicão o (então) Presidente da Direcção do Sp. de Espinho, esposa, outro dirigente espinhense, jogadores, são agredidos por (pseudo) desportistas famalicenses. Repudia-se veementemente o (sempre) inqualificável acto. Chama-se (e muito bem) vândalos, selvagens, energúmenos, a quantos o cometeram e colaboraram. A Imprensa Desportiva e a local, criticam (como não podia deixar de ser) acerbamente os insólitos acontecimentos. Ninguém (logicamente) aceita (quaisquer) razões, motivos, justificações, para aquela manifestação de barbaridade, de falta de civismo e de humanidade. Só mesmo os de Famalicão, claro! Faz-se uma assembleia geral no SCE. Ela afina (inteiramente) pelo mesmo diapasão. Não pode conceber, nem aceitar, nada (nem nada!) de quanto se passou. Repudia (e ataca) os vândalos, selvagens, energúmenos, desmentalizados, incivilizados, que foram capazes daquilo. Não havia explicação possível!

★

ÉPOCA FUTEBOLÍSTICA DE 1974/75 — A equipa futebolística dos «tigres» milita na 1.ª Divisão. Um sonho (antiquíssimo) tornado realidade (encantadora). Contra o esperado, (e desejado) ardentemente, as coisas não correm bem no plano desportivo. A equipa luta para não descer. Malclassificada. Perde jogos em «casas». Desce mesmo. A (almejada) realidade esfuma-se. No entanto, a massa associativa dá lições de desportivismo, disciplina e civismo. É (mesmo) espoliada do título de «melhor público desportivo» que justificava (como mais nenhuma) pelo seu comportamento (acertado). A equipa ganha a «Taça Disciplina» (do «Mundo Desportivo»), por ser considerada a melhor da 1.ª Divisão que ia deixar. A Imprensa Desportiva e a local enaltecem. Uma e outra coisa. Várias vezes.

★

MAIO DE 1975 — No pavilhão do SCE joga-se um encontro de voleibol entre os «tigres» e o Leixões. Meia dúzia de espectadores, tentam, às tantas, agredir o árbitro. Por uma (simples) decisão de que discordavam. A maioria condena o acto. O Sporting de Espinho paga (caro, a atitude (condenável) dos seus (ditos) prosélitos e (pseudo) desportistas. Seis jogos de interdição! A Direcção do Clube não apresenta pedido de demissão. No há nenhuma assembleia geral para esclarecer o caso! Critica-se (aberta e francamente) o acto (inqualificável e condenável) em todos os tons e (quase) por unanimidade. A Imprensa Desportiva e a local criticam (como não podia deixar de ser) duramente o insólito.

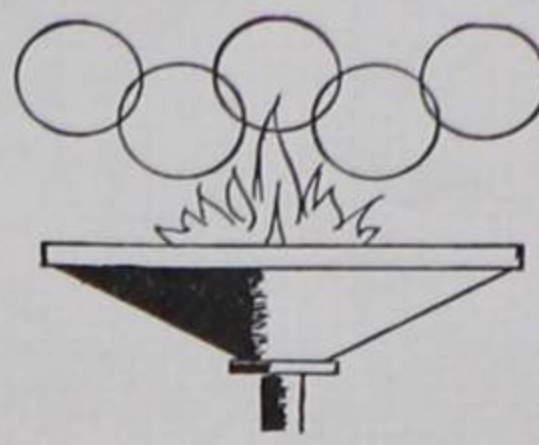
★

OUTUBRO DE 1975 — Numa assembleia geral do SCE, e em face da escalada de antidesportivismo e anticivismo nos campos de futebol os associados (poucos presentes, mas conscientes) optam pela precaução. O comportamento das massas (adeptas) é imprevisível. As reacções (incompreensíveis) assistam os dirigentes e os desportistas. Decidem vedar (prévia e voluntariamente) o «Avenida». Para defesa dos sagrados interesses desportivos e financeiros do Clube. Bem assim das aspirações (legítimas) da equipa. Medida (considerada) acertada. Pedida mesmo pela Direcção (justificavelmente). Visionava-se o amanhã. Em face das perspectivas. Em consequência de (tudo) a quanto se assistia nos campos de futebol. A Imprensa Desportiva e a local reconhecem a oportunidade da decisão. A boa visão dos dirigentes e sócios.

FEVEREIRO DE 1976 — Acontece o que acontece no «Avenida». Também as vandalices. Inqualificável (sempre). Repudiável (sempre). Foi cometido por vândalos (sempre). Selvagens (sempre). Energúmenos (sempre). Desmentalizados (sempre). Incivilizados (sempre). A Imprensa Desportiva e a local criticam o que não tem explicação (possível).

FEVEREIRO DE 1976 — Assembleia Geral do Sp. de Espinho. Extraordinária. Para apreciar o pedido de demissão da Direcção. Consequente do sucedido. Para analisar (sobretudo e em pormenor) os acontecimentos, a posição assumida pelo Clube e as implicações. Com surpresa, aparece uma crítica (velada) à forma como (certa) Imprensa qualificou os actos (que foram insólitos, inexplicáveis e injustificáveis). Com surpresa, quase surgem os argumentos (precisos) para rebater o sucedido. Com surpresa, quase surgem explicações (completas) convencendo do que o acontecido não teve a dimensão (nem a realidade) de quanto se viu. Com sur-

# DESPORTO



## FUTEBOL

2.ª DIVISÃO  
ZONA NORTE

### Espinho, O - Famalicão, O Nos "SONHOS" fim dos ditos

presa, (até) aparece quem se penitencie de ter entrado em campo, justificando-se (da sua atitude), pois terá sido levado na onda de precipitação (?) Com surpresa, quase surgem (todas) as aplacações para os (pseudo) desportistas autores da proeza. Com surpresa, quase se conclui que não foram tão vândalos como lhe chamaram. Com surpresa, quase se afirma que a força policial foi suficiente para os acontecimentos e actuou como se impunha. Com surpresa, quase se verberou a fuga (natural) do trio de arbitragem e jogadores visitantes. Com surpresa, quase se exigia que o Gil Vicente devia ter regressado ao campo...

Com surpresa... Bem, com surpresa, até se ouviu dizer que o árbitro provocou (a certa altura) ao arregaçar as mangas!...

★

FEVEREIRO DE 1974 (Famalicão): uma óptica, um tipo de reacção! ÉPOCA FUTEBOLÍSTICA 74/75 (Espinho): um tipo de comportamento! MAIO DE 75 (Espinho): outra óptica, outro tipo de reacção! OUTUBRO DE 1975 (Espinho): ainda outra óptica e, também, outro tipo de reacção! JANEIRO DE 76: (Espinho): novo tipo de reacção e de comportamento! FEVEREIRO DE 76 (Espinho): renovado tipo de óptica, de reacção e de comportamento!

Intervenientes: desportistas desta cidade!

★

Compare-se! Sinta-se a diferença! Contrastos! Esquisitos, mas contrastes!

Que explicam muita coisa! Que talvez expliquem quase tudo! Ou mesmo tudo!

Assim, a ser assim, é de andar sempre com o credo na boca!

CARLOS SÁRIA

## HÓQUEI EM PATINS

«TAÇA DE PORTUGAL»

SPORTING, 4—A. A. E., 7

Ao intervalo: 1—4)

### Que brilharete!

No encontro da 2.ª «mão» da «Taça de Portugal», depois de ter sido derrotada cá por 9-2, pelos «campeões nacionais», a A.A.E., foi a Lisboa buscar uma vitória sensacional.

As equipas alinharam sob a arbitragem do lisboeta Feliciano Costa:

SPORTING — Ramalhe, Saraiva (1), Sobrinho (1), Chana (1) e Carlos Alberto (1).

AAE — Montenegro, Rui Lacerda (4), Manel Zé (1), Alfredo, Alcino (2) e Barbot.

Sob este triunfo indiscutível, embora ainda sem a presença de Rui Azevedo, magoado no encontro da 1.ª «mão» ouvimos o treinador da equipa, Dr. Virgínio Pereira:

— Fundamentalmente, começamos por contar com toda a equipa, excepção feita ao Rui e, claro, o regresso de Manel Zé, trouxe outra força à equipa, como outro entrosamento. Ele é o «patrão» do conjunto, embora a equipa tenha valido pela sua força colectiva, exibindo-se muito acertadamente. Chegamos aos 5-1, surpreendemos mesmo os «leões» com esse adiantado merecido no marcador e, tendo chegado ao intervalo com 4-1, logo na primeira avançada do 2.º tempo o Rui fez esbarrar uma bola no poste. O Sporting nunca se encontrou, por mérito da nossa equipa, acrescente-se, tendo sido uma sombra da turma que se exibiu tão bem em Espinho. Estou satisfeito, não só pelo resultado, mas pela maneira como os rapazes se dessempeñaram do que combinamos antes do jogo. Temos, actualmente, uma das melhores turmas portuguesas, embora, ainda, complexada por se lembrar do Miro. Estamos à espera do Amadeu Morais e, depois, ficaremos com um plantel de 10 elementos, bem capaz de fazer uma belíssima época. Naturalmente que eu virei a equipa do avesso e a rapaziada passou por um período de transição e confusão a novos esquemas de jogo, mas, aos poucos, está a assimilar e quando se mecanizar dará excelente conta de si, atendendo aos bons valores que possui. Por conseguinte, a vitória em Lisboa, só constitui surpresa para quem não assistiu ao jogo.

## ARBITROS À DEFESA

### Não a Espinho! — diz A. C. R. Coimbra

Após uma deliberação dos árbitros de futebol de Coimbra, em 30 de Janeiro, reuniu-se, agora, a Comissão de Coimbra (Direcção), que aprovou o seguinte comunicado:

«A Direcção da Comissão Regional dos Árbitros de Futebol de Coimbra, reunida, expressamente, para apreciar a moção aprovada em plenário do Colégio de Árbitros de Futebol desta Comissão, em 30 de Janeiro de 1976, e também os factos passados com a equipa de arbitragem chefiada pelo nosso filiado sr. Joaquim Simões Correia, no passado domingo, dia 1 de Fevereiro, em Espinho, no jogo Sporting de Espinho-Gil Vicente, deliberou, por unanimidade, o seguinte:

1. a) Apoiar e aprovar, na sua totalidade, a moção em causa, pelo que esta Comissão Regional deixará de proceder a nomeações de equipas de arbitragem para os campos de futebol onde venham a verificar-se agressões ou quaisquer outros factos que ponham em causa a integridade física dos elementos das respectivas equipas de arbitragem.

b) Dar conhecimento desta deliberação à Direcção-Geral de Educação Física e Desportos, à Comissão Central e à Associação de Futebol de Coimbra.

2. a) Relativamente ao caso da equipa chefiada pelo nosso filiado sr. Joaquim Simões Correia, lamenta esta Direcção, muito profundamente, os factos ocorridos no passado domingo, dia 1 de Fevereiro, em Espinho, no Campo da Avenida, não deixando de louvar a atitude digna dos dirigentes e treinador da equipa do Sporting de Espinho, em defesa da equipa de arbitragem.

b) Cientes de que, para já, só os árbitros poderão tomar uma atitude firme e inequívoca, no sentido de defenderem a

## TELEVISÃO ... PORTUGUESA ?

Realmente a televisão usa o nome de Rádio Televisão Portuguesa. Na realidade, diz-se que está ao serviço do povo português. Portanto, pressupõe-se que do Minho ao Algarve. E do Atlântico à raia espanhola. E de quantos pagam licença. E a tornaram possível, sustentando aquela tralha toda. Aquela gente toda, incluindo quantos riscam as directrizes.

Em Espinho, um encontro «internacional» de voleibol. Para uma competição europeia. Com a intervenção de uma equipa representativa do país. Para defrontar uma turma de valor na modalidade. De terra que é potência mundial do voleibol.

O encontro é negociado com a RTP. Em princípio, estava praticamente assegurado o «directo». Seria um bom espectáculo, para a vasta plateia tele-desportiva do país. E de resto, uma turma portuguesa representava o país numa competição europeia. Claro, não era equipa de Lisboa!

A hora do jogo, não seria problema. Ficava a coordenar, segundo os interesses da programação da TV.

Mas, tudo se gorou. A TV tinha compromissos. Alegou impossibilidades. Com os Jogos Olímpicos de Inverno. Logo nos dois canais.

Com esses, ainda vá. É uma competição transcendente, embora com modalidades de pouca penetração entre nós. De resto, também não estão lá portugueses. E havia dois canais.

Mas, de tarde, a TV, à hora em que poderia ter dado o voleibol, internacional em que participava a tal equipa portuguesa, deu rãguebi, entre escoceses e galeses.

A televisão portuguesa, paga pelos portugueses, dita ao serviço, e para agrado, desses mesmos!

É de pasmar! Mas, é assim mesmo.

C. S.

sua integridade física, aproveitam o ensejo para fazerem um apelo, a nível nacional, para deliberarem sobre as medidas urgentes a tomar.

3. E, dada a reconhecida passividade com que a autoridade tem actuado em defesa das equipas de arbitragem, na maioria dos casos, motivado pelo reduzido número de agentes, mais foi deliberado dar conta destes factos aos comandantes da Guarda Nacional Republicana e Polícia de Segurança Pública, permitindo-nos lembrar-lhes que a manutenção da ordem pública não é, de maneira nenhuma, repressão.

Coimbra, 5 de Fevereiro de 1976.

(A Direcção da Comissão Regional de Árbitros de Futebol de Coimbra)»

## ASSEMBLEIA GERAL DO SCE

Foi na sexta-feira passada. Portanto a destempe de vir na última edição. Assembleia geral extraordinária. Em análise, a «invasão» do «Avenida», implicações e posição assumida. Como também o pedido de demissão apresentado pela Direcção.

Bastantes associados. Dirigiu os trabalhos o presidente da Assembleia Geral Alberto Alves e foi secretariado por José Azevedo e Danilo Prata. Um ofício da AAE a solidarizar-se com o SCE nesta hora difícil. Muito aplaudido. Explicações prévias do presidente da Assembleia Geral.

(Conclui na página 6)



# VOLEIBOL

elo de confraternização  
entre eslovacos  
e portugueses!

«TAÇA DOS VENCEDORES DAS TAÇAS»

**Sp. de Espinho, 0 — Estrela Vermelha, 3**  
(PORTUGAL) (CHECOSLOVAQUIA)

Resultados parciais: 6/15; 6/15; 10/15

## BOM COMPORTAMENTO CONTRA SUPERIORIDADE NATURAL

O Pavilhão «Joaquim Moreira da Costa Júnior» foi pequeno demais. Estava repleto. Grande interesse pela jornada europeia de voleibol. Também pelo ineditismo da presença dos checos. Melhor dos eslovacos, pois eles fazem questão de serem assim tratados. Rivalidades lá do sítio. Muita gente, quer pelo motivo desportivo em si. Outra pelo interesse de fazer comparações.

Os eslovacos, que haviam treinado 1 hora, 2 horas antes do jogo, ainda fizeram 45 minutos de «aquecimento». Mas que «aquecimento!» As duas equipas, com árbitros à frente, entraram, lado a lado, no recinto. Debaixo de intensas palmas.

Os árbitros eram portugueses: *Fernando Silva e Tibério Coelho.*

★

As equipas alinharam:

**SP. DE ESPINHO** — *Rolando Sousa, Fernando Tomás, José Cadete, Fernando Castro, Fernando Correia, Alberto Salvador, Rui Azevedo, Luís Resende, Júlio Silva, António Pinto, José Paula e Francisco Pinto.*

**ESTRELA VERMELHA** — *Pipa Stefan, Sirvon Vlado, Plavec Pavel, Kroca Zdenek, Halanda Lubor, Novotny Josef, Tokar Jan, Lendak Jan, Cifra Jan, Kianicka Matus e Mician Miro.*

★

Eis, em síntese, os «sets»:

1.º «SET» — DURAÇÃO: 14 m.: Superioridade manifesta dos eslovacos, com réplica curiosa dos «tigres». Poder atacante, «bloco» impecável, foram as notas salientes do Estrela Vermelha. Falharam no «bolar», com seis perdidos, como na protecção ao «bloco», deixando cair no «buraco» muitas bolas «mortas». Os espinhenses tentaram tornar as dificuldades, a maior das quais vencer o «bloco» eslovaco e opor-se ao ataque. Resultado normal.

2.º «SET» — DURAÇÃO: 19 m.: Corrigidas as falhas no «serviço», variando mais na esquematização atacante, com os rematadores a penetrarem à rede em posições imprevisíveis, os eslovacos estiveram melhores. Os «tigres», menos certos, continuaram briosamente a tentar o impossível,

perdendo com naturalidade, sem qualquer sensação de «esmagamento».

3.º «SET» — DURAÇÃO: 20 m.: Remodelação na turma eslovaca. Entraram suplentes. Surpresa geral, com os «tigres» a adiantarem-se, pela 1.ª vez, no marcador. Até aos 6-1 e 8-2! Público entusiasmado. Recuperação eslovaca, emoção, equilíbrio até aos 8-8! O melhor «set».

★

Naturalmente, que ninguém sonharia com uma surpresa, pois à turma eslava, «amadora», que se prepara cinco horas diárias, não se pode opor um «seis» que treinará por semana (se muito) o dobro disso! Diferenças que se situam até, para lá da órbita desportiva. «Modus vivendi» dissemelhante de duas sociedades. Só com horários racionalizados, com certas facilidades, com tipo especial de amadorismo, se pode treinar daquela maneira, para se atingir determinada bitola. Depois, com «gigantes» com a média de altura de 1,81 metros (um grande pedaço a mais que os «tigres»), bem preparados, de excelente poder de elevação, fica-se pensando que são escolhidos a dedo ou indicados, propositadamente, para a modalidade.

★

Na verdade, este regresso aos «bons velhos tempos» do voleibol, foi uma jornada inesquecível de excelente confraternização desportiva, de verdadeira promoção da modalidade, a entusiasmar tudo e todos, proporcionando boas lições das quais oxalá se possa tirar ilações proveitosas.

Mas, de qualquer forma, fica-se convicto de que é tudo, apenas, uma questão de sistemas, de directrizes, e não de massa humana.

E resumo: os eslovacos a formarem uma excelente equipa, fria, prática, objectiva, mecanizada, de boa técnica com os senãos apontados a defrontarem um conjunto de boas potencialidades e futuro, porém, evidentemente, sem a pretensão de poder chegar sequer, a um nível aproximado dos eslavos.

De notar a receita de 60 contos, para uma assistência de quase 2 mil pessoas, bem como a boa dupla arbitragem, num encontro sem problemas de qualquer natureza.

(Conclui na página 6)

## Nótulas à margem da competição desportiva

A presença dos eslovacos em Espinho, proporcionou uma série de curiosos e pertinentes apontamentos, que procuraremos reunir em despreziosas nótulas de duas ou três linhas, sintetizando nelas o «filme» policromo da sua estadia entre nós.

★

Chegaram a Pedras Rubras na 6.ª-feira, dia 6, principiava a noite. Ciceronando a caravana, desde Lisboa, onde os aguardou, estava o Gabriel Gil — o «Belinho» do voleibol espinhense —, aliás em boa hora para solucionar alguns problemas, nomeadamente a falta do «visto» para entrarem em Portugal.

★

Ingressados na sala de recepção do Aeroporto nortenho, os atletas eslovacos deram logo nas vistas, pois a sua longilínea estatura fazia os portugueses terem de olhar para cima. Depois de dispensados das formalidades crónicas, foram recepcionados por um grupo de dirigentes e atletas dos «tigres», à frente do qual estava o presidente da direcção Marçal Duarte.

★

Seguiu-se a viagem para a nossa cidade e a instalação no Hotel PraiaGolfe, mas, de imediato, os nossos visitantes se preocuparam em marcar o seu 1.º treino para hora e meia depois, isto após uma cansativa viagem de 15 horas.

★

Ora, esse primeiro contacto desportivo com os eslovacos, não entusiasinou a «malta» voleibolística mais exigente, porém tratou-se de uma curta sessão de treino, mais para «desenferrujar» da viagem e contactar com o recinto. Iriam jogar à noite, na luz artificial, e era ocasião única de verem como era.

★

Houve o regresso ao hotel, onde o Carlos Padrão já estava entretidíssimo no seu vício voleibolístico e desportivo, organizando uma «sessão de esclarecimento», com alguns dos dirigentes visitantes, tirando naturalmente «nabos da púcará» para documentar mais os seus conhecimentos sobre a matéria e não só.

★

Eles gostaram do cartaz a anunciar o desafio, mas afadigaram em chamar a atenção para o facto do nome do clube estar escrito em checo, enquanto são eslovacos. É que a Checoslováquia é uma união de duas repúblicas: a Checa e a Eslováquia.

★

Durante a manhã de sábado, claro, interessaram-se pelas compras. E lá foram atrás de peças de vestuário, sapatos, peças de ourivesaria, café e revistas... atrevidas. Quem diria, ein? Tudo isso fazia parte dos seus embrulhos, mas não se alargaram por aí além. Os «korunas» — escudos lá do sítio — eram escassos e os nossos preços — também para eles — elevados para o seu modesto poder de compra.

(Conclui na pág. 6)

Seguidamente ao almoço, a caravana dividiu-se. Uns foram passear livremente pela nossa cidade, disparando máquinas fotográficas e apreciando-a. Outros, quiseram ir ao futebol. Note-se que, logo à chegada, ainda no Aeroporto, deram-se ao cuidado de saber se havia bola naquele fim de semana, pois também têm o «viciozinho» do futebol, que é universal, por muito que custe a alguma gente. E de resto — suportem, suportem! — o alienante futebol, que tão mal tem feito a este país é a modalidade mais popular na Eslováquia, de parceria com o hóquei sobre o gelo. Quem diria, quem diria!

★

Os que se inclinaram pelo futebol, foram ao Bessa ver o Boavista-Estoril. Entusiasmaram-se com o Alves e aplaudiram, particularmente, um golo do espinhense Acácio, marcado com muita serenidade e precisão. Ficaram admirados por verem tanta gente cuspir para o chão, sujando os degraus da bancada da «superior» que, no final, apresentava aspecto porco ou nojento.

★

Vindos da bola, aí foram eles trabalhar, realizando novo treino, este mais movimentado, realmente a mostrar já bastante as possibilidades dos «gigantes». Isto aconteceu a poucas horas do encontro, quando já a cidade buliciava, com o entusiasmo de quantos queriam ver o desafio, tendo a boa fortuna de obterem o papelinho mágico, antes da lotação estar esgotada, como aconteceu.

★

Depois do encontro, houve uma «ceia» no «Cabana» onde estiveram presentes todos os jogadores, técnicos, dirigentes e adeptos do voleibol, interessados numa saudável confraternização humana e desportiva. Que o desporto aproxima os povos! Foi uma atenção que a «malta» espinhense quis ter, pagando, até, cada qual a sua despesa e a de um anfitrião. Assim, não foi necessário desfalcas as finanças do Clube e até o caldo verde e rojões souberam melhor. Pelo menos aos dirigentes que têm de fazer contas, nesta época de austeridade.

★

Depois... Bem, depois, os jovens são iguais em toda a parte. E a rapaziada eslovaca fez algumas «fugazitas», pedindo «asilos borguista» na Discoteca do Hotel. O resto fica entre nós, não vá o treinador ter conhecimento da preparação-física-extra feita pelos seus rapazes, bailando e entrando na sessão de fados que a «malta» organizou.

★

Domingo. Manhã cedo para uns, madrugada para outros. Formou-se uma caravana e vai ela deabalada para visitar as Caves da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal. Foi o fim para os eslovacos! Ficaram encantados com o que viram e com o que saborearam. Levando os brindes da praxe, para dizerem bem do atamado «Porto».

(Conclui na pág. 6)



As belas noites de gala voleibolista voltaram ao convívio espinhense. Foram estes os nossos dignos representantes, na excelente jornada, sócio-desportiva, com os eslovacos. O desporto mostrou, uma vez mais (quando correctamente interpretado), a sua importância, o seu valor. E, não há dúvida, para ele não existem barreiras, pois é um traço de fraterna união entre os povos.

SEMANÁRIO  
A VENÇADO